

GLOBAL HOW?

Despertar para a Educação Global



Manual do Formador

Dedicatória

A equipa do projeto “Despertar para a Educação Global”, dedica esta publicação a todos os participantes dos cursos de formação na Alemanha, em Portugal e na Roménia. Sem eles e o seu contributo inestimável, o Projeto e este manual não teriam sido possíveis.

THANK YOU!
DANKE!
OBRIGADA!
MULȚUMESC!

Educação para a Cidadania Global - ECG

Neste manual, o termo “Educação para a Cidadania Global” (por vezes, abreviado como “ECG”) é compreendido como englobando um vasto leque de teorias e conceitos, incluindo a Educação Global, a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, a Educação para o Desenvolvimento e a Aprendizagem Global. Os seus contributos pedagógicos orientados para a transformação das nossas sociedades num mundo justo, pacífico e amigo do ambiente são considerados como coincidentes e interligados. A prática da ECG deve ser delineada de acordo com o contexto histórico, político, cultural e educacional de cada país ou região.

A nossa escolha de “Educação para a Cidadania Global” como termo genérico está relacionada com o contexto específico a partir do qual esta publicação se desenvolveu (ver, por ex., o capítulo 2.o).

LISTA DE ACRÓNIMOS

ANA	Análise das Necessidades de Aprendizagem	OSDE	Espaços Abertos para Diálogo e Questionamento
ECG	Educação para a Cidadania Global	PPT	Apresentação em <i>Powerpoint</i>
FGL	“Despertar para a Educação Global” (<i>Facilitating Global Learning</i>)	TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milénio	UNECE	Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	UE	União Europeia
OSC	Organização da Sociedade Civil	UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
ONG	Organização Não Governamental		
ONGD	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento		

Índice

Prefácio por Karen Pashby	6
1.0 “Global How?” – Introdução ao manual	8
Objetivo deste manual	9
Destinatários	9
Sugestões para a utilização	10
Estrutura	10
Reconhecimentos	11
2.0 “Despertar para a Educação Global” – O projeto	12
Objetivos principais	12
Parceiros do projeto	12
Grupo de participantes	12
Elementos do projeto	13
“Global What?” – Estudo e entendimento comum	14
3.0 Conceitos das formações em Educação para a Cidadania Global	16
Procura de um entendimento comum	17
Capacitação de formandos adultos através da formação	18
Análise das Necessidades de Aprendizagem: Estar atento às expectativas e às necessidades dos participantes	19
Modelo de competência: Como se tornar num facilitador de ECG?	20
Elaboração de uma estrutura de formação	24
Princípios-chave da formação	25
3.1 Aprender a saber	28
Identificação de tópicos e questões para as formações	28
Interconectividade e pensamento sistémico	30
Redução pedagógica da complexidade	30
Resiliência e não conhecimento	31
Aprender a saber – Exemplos de boa prática	32
3.2 Aprender a aprender	34
Teorias e abordagens de aprendizagem relativas à Educação para a Cidadania Global	34
Princípios, estilos e métodos de aprendizagem	35
Modelos e estruturas de competências	37
Facilitação de processos de aprendizagem	37
Aprender a aprender – Exemplos de boa prática	38
3.3 Aprender a fazer	40
Planeamento – Estruturação da ação de ECG	40
Implementação – Seleção de métodos e suportes	41
Coaching	41
Avaliação	42
Aprender a fazer – Exemplos de boa prática: Projetos em pequena escala	44
3.4 Aprender a ser	46
Pensamento crítico e autorreflexão	46
Ser um exemplo inspirador	49
Otimismo crítico	49
Aprender a ser – Exemplos de boa prática	50
3.5 Aprender a viver em conjunto	52
Diálogo e entendimento	52
Papel do facilitador	55
Criação de sinergias significativas	55
Aprender a viver em conjunto – Exemplos de boa prática	56
Métodos selecionados dos cursos-teste	
Critérios para a seleção de métodos	58
Descrição geral dos métodos selecionados	60
Descrições dos métodos	62
Anexos	
Anexo A: ANA – Exemplos de como realizar uma Análise das Necessidades de Aprendizagem	82
Anexo B: Matrizes para o planeamento de uma ação de ECG	84
Leitura adicional	90
Descrições das organizações parceiras do Projeto “Despertar para a Educação Global”	92
Publicação	99

Prefácio

Na viragem para o século XXI, a Educação para a Cidadania Global foi articulada como uma prioridade na Europa. Especificamente a educação dos cidadãos globais era vista como chave para promover uma cidadania que, em conjunto, conseguia responder às necessidades futuras previstas, que incluíam a educação voltada para um entendimento crítico do papel de cada indivíduo no mundo e para as questões que ligam os humanos e as espécies neste planeta. A seguir à Declaração da Educação Global de Maastricht, em 2002, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa deliberou que a “Educação Global é essencial para todos os cidadãos

Quase década e meia depois deste imperativo oficial, já bem dentro do novo século, existem lições a partilhar e uma massa crítica à volta da qual nos devemos mobilizar. No contexto internacional, a Educação para a Cidadania Global é um princípio-chave da “Global Education First Initiative” do Secretário Geral das Nações Unidas e, juntamente com as competências de sustentabilidade, está incluída nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. Enquanto área prioritária, a UNESCO (2014) define os objetivos-chave da Educação para a Cidadania Global:

- Incentivar os formandos a analisarem de forma crítica questões da vida real e a identificarem soluções possíveis com sentido criativo e inovador;
- Prestar apoio aos formandos para reavaliarem pressupostos, opiniões mundiais e relações de poder em diálogos convencionais e considerarem pessoas/grupos que são sistematicamente subrepresentados/marginalizados;
- Concentrar a atenção no empenho da ação individual e coletiva, a fim de efetivar as alterações pretendidas, e
- Envolver múltiplas partes interessadas, incluindo as que se encontram fora do ambiente de aprendizagem, na comunidade e na sociedade em geral².

Este manual ajuda a operacionalizar estes objetivos e oferece um contributo importante para o trabalho na Europa e em todo o mundo. Especificamente, atende aos apelos de procura de abordagens críticas à Educação para a Cidadania Global³ que colaborem com a complexidade e desafiem o etnocentrismo e as linhas colonialistas de pensamento e distribuição do poder. Reflete o trabalho dos facilitadores da Educação para a Cidadania Global, que se esforçam ao máximo para evitar que se repitam os tão desiguais sistemas de poder que a Educação para a Cidadania Global procura melhorar.

Um destaque deste manual é a sua premissa de uma abordagem incorporada na Educação para a Cidadania Global que reconheça a importância do contexto. Muitas vezes, os atores da Educação para a Cidadania Global concentram-se em ligar pessoas de cenários geográficos diferentes. Neste manual, a ênfase está primeiro num entendimento intemporal das ligações entre o presente, o futuro e o passado, que modelam e enquadram os valores e pressupostos sobre o que desejamos da Educação para a Cidadania Global e da ligação a pessoas em locais físicos diferentes. A pedagogia é contextualizada como baseando-se, em primeiro lugar, no respeito pelo que todos trazem para um local de aprendizagem e no empenho no trabalho dinâmico contínuo de criação de unidade com diversidade. Isto inclui abraçar

as complexidades que representam as possibilidades transformadoras da Educação para a Cidadania Global e empreender em experiências divergentes e controversas, em vez de as ignorar.

A viragem para o século XXI representou um momento de reflexão sobre a importância da educação global crítica para uma cidadania do século XXI. Promove uma abordagem integrada, complexa e transformadora à Educação para a Cidadania Global e, quanto a mim, estou desejosa de saber acerca da nova aprendizagem que ele proporciona.

*Karen Pashby, Doutorada
Diretora Associada de Educação e Pesquisa:
Centro para a Educação Global
(Edmonton, Canadá);
Coordenadora Curricular: Centro para
a Educação para a Cidadania Global &
Investigação
(Universidade de Alberta, Canadá)*

¹ Resolução 1318 da Assembleia Parlamentar, 30 de janeiro; par 20, xii. (2003).

² UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). *Global Citizenship Education: Preparing learners for the challenges of the twenty-first century*. (2014), p. 16.

³ Por exemplo (entre muitos outros), Andreotti, Vanessa: *Soft vs. critical global citizenship education. Policy and Practice: A Development Education Review*, 3, 40–51 (2006); Bryan, Audrey e Bracken, Meliosa: *Learning to read the world?: Teaching and Learning about global citizenship and international development in post-primary schools*. Dublin: *Identikit* (2011); Martin, Fran: *Same old story: the problem of object-based thinking as a basis for teaching distant places*. *Education* 3 – 13, 41(4). (2013), pp. 410–424.

Global How? Introdução ao manual

“Uma jornada intensiva, envolvente, extenuante e nunca monótona numa terra com paisagens lindas, abismos assustadores e muitos locais que ainda tenciono visitar. Também uma viagem a mim próprio que ainda está longe do fim...”

(Participante no curso de formação, na Alemanha)

Face aos vários desafios e oportunidades existenciais que o mundo enfrenta atualmente, cada vez mais pessoas se sentem motivadas e se empenham ativamente nos processos transformadores dedicados à construção de um mundo justo, sustentável e pacífico.

As educações transformadoras – integradas neste manual sob o termo “Educação para a Cidadania Global” (conforme mencionado no início) – há muito que procuram formas de lidar com a complexidade das questões globais e da mudança global de modo a habilitar as pessoas a refletirem com sentido crítico, a dialogarem umas com as outras e a aprofundarem o seu conhecimento de si próprias e do mundo em que vivem. A fim de reconhecerem e assumirem as suas responsabilidades enquanto membros de uma sociedade global e para se sentirem encorajadas a participar ativamente na modelação dos seus ambientes imediatos e alargados, as pessoas necessitam de oportunidades de aprendizagem que adotem as competências (aquisição de conhecimentos, habilitações, valores, atitudes) exigidas a um cidadão global informado e capaz de pensar com sentido crítico.

Um papel importante dos processos de Educação para a Cidadania Global é o desempenhado pelas pessoas que os tornam possíveis. Os facilitadores da Educação para a Cidadania Global têm de lidar com processos de aprendizagem que abordam várias áreas diferentes da aprendizagem pessoal e profissional.

O manual do formador “Global How?” é o resultado do projeto “Despertar para a Educação Global – Reforçar as competências dos membros de Organizações da Sociedade Civil europeias”, que foi implementado em resposta à necessidade evidente de uma formação de qualidade para os facilitadores da ECG que trabalham no contexto das Organizações da Sociedade Civil (OSC). O título “Global How?” está relacionado com um estudo preliminar intitulado “Global What? Estudo dos Factos e Necessidades da Educação para a Cidadania Global na Alemanha, Portugal e Roménia”, que foi conduzido numa fase inicial do projeto. O manual baseia-se essencialmente na experiência dos parceiros do projeto na formação dos facilitadores, bem como na sua experiência de implementação de cursos-teste de formação em três países diferentes da Europa. Esperamos que estas experiências ajudem a criar um documento útil, inspirador e amplamente utilizável.

Objetivo deste manual

Este manual destina-se a **apoiar os formadores na capacitação de agentes multiplicadores de ações de Educação para a Cidadania Global** em vários contextos. Bem inserido no espírito da Educação para a Cidadania Global, abstém-se de apresentar receitas prontas, criando, por oposição, espaço para a exploração de diferentes aspetos das formações de ECG, deixando para o utilizador a tarefa de desenvolver as suas próprias conceções de formação específicas do contexto. Assim, a sua intenção é salientar estruturas, fazer sugestões e fornecer impulsos, permitindo aos utilizadores planearem formações que melhor se adequem ao seu próprio contexto e que tenham em atenção as expectativas e as necessidades de formação dos participantes, bem como as condições e os valores subjacentes. Outra intenção é partilhar as experiências obtidas no decorrer do projeto “Despertar para a Educação Global”, adequadamente processadas e editadas, de modo a conferir um valor acrescentado à prática de formação dos utilizadores.

Destinatários

Os destinatários principais desta publicação são as pessoas que **dão formações em Educação para a Cidadania Global a facilitadores que trabalham em contextos não formais**, como por ex. membros de OSC, ONG(D), grupos de ação, etc. No entanto, estamos convencidos de que **outros profissionais do setor educativo**, como, por ex., professores ou docentes de ECG que trabalhem noutros contextos educativos para além da formação, irão certamente considerar esta publicação inspiradora para a atividade que exercem.

Com vista a clarificar os papéis dos diferentes intervenientes envolvidos nas formações, criámos as seguintes distinções:

“**Formadores**” são as pessoas que criam experiências de aprendizagem para formandos (adultos) que pretendam melhorar as suas competências e/ou tornar-se facilitadores dos processos de Educação para a Cidadania Global. O papel do formador, neste contexto, inclui a conceção, o

Espaços para autorreflexão



planeamento, a implementação, a avaliação dos cursos de formação e (onde aplicável) o *coaching* de “formandos”, i.e. (futuros) facilitadores, com o objetivo de desenvolver e melhorar a sua prática pedagógica.

“Facilitadores” são as pessoas que se dedicam à prática da Educação para a Cidadania Global, organizando ações de ECG com diferentes grupos de formandos de todas as idades e origens.

Com isto, é claro, não queremos dizer que os formadores não possam agir também como facilitadores e multiplicadores, partilhando os seus conhecimentos com pessoas nos seus contextos específicos, nem que os facilitadores não possam também ser multiplicadores ou formadores. E, por último, mas certamente não menos importante, convém deixar claro que todos estes intervenientes são e devem considerar-se como formandos, seja qual for o papel que possam assumir num determinado momento.

Sugestões para a utilização deste manual

Este manual foi estruturado para ser utilizado de forma flexível. O leitor pode lê-lo página a página ou apenas selecionar as partes que lhe parecerem especialmente úteis. O código de cores dos diferentes capítulos destina-se a ajudá-lo a encontrar rapidamente o que procura na publicação.

Estrutura deste manual

A seguir a esta introdução, o **capítulo 2.0** descreve sucintamente os antecedentes gerais do nosso projeto.

O **Capítulo 3.0** salienta aspetos gerais diferentes e princípios da formação de facilitadores de ECG, que é importante ter em conta durante o planeamento, a implementação ou a avaliação de um curso


de formação de ECG. Nas páginas 22 e 23, introduzimos um modelo de competência.

Os capítulos 3.1 a 3.5 abordam as áreas de competência identificadas neste modelo e explicam mais detalhadamente como elas estão relacionadas com os aspetos-chave das formações de ECG. Cada um destes capítulos contém um texto introdutório, seguido de exemplos de boa prática dos cursos-teste na Alemanha, em Portugal e na Roménia, os quais servem para ilustrar algumas das considerações mais teóricas e associá-las à experiência prática:

- **Capítulo 3.1 (Aprender a saber)** foca os aspetos da Educação para a Cidadania Global relacionados com o conhecimento em geral, e com as formações, em particular, como, por exemplo, a interconectividade entre os assuntos, a redução pedagógica significativa da complexidade e a gestão do não conhecimento.
- **Capítulo 3.2 (Aprender a aprender)** trata das abordagens e dos princípios educativos, bem como de competências, estilos e métodos de ensino e formas de os incorporar nas formações, a fim de se fornecer uma base útil para a facilitação dos processos de Educação para a Cidadania Global.
- **Capítulo 3.3 (Aprender a fazer)** aborda a forma como os facilitadores, na formação, podem ser apoiados na aplicação do seu conhecimento especializado e pedagógico ao planeamento, à implementação e à avaliação da respetiva prática de Educação para a Cidadania Global.
- **Capítulo 3.4 (Aprender a ser)** aborda a forma como o facilitador pode ser encorajado a refletir sobre o seu papel e a consolidação do mesmo, relativamente à sua conduta pessoal, de acordo com

os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

- **Capítulo 3.5 (Aprender a viver em conjunto)** salienta os aspetos e os valores subjacentes às formações e à prática da ECG em relação ao modo como o facilitador coopera, comunica e interage com os outros nos processos de Educação para a Cidadania Global.

Cada capítulo foi enriquecido com citações de participantes e formadores de Educação para a Cidadania Global/peritos de ensino para animar o conteúdo e estimular o pensamento. Adicionámos também perguntas para reflexão (assinaladas com uma espiral ) para ajudar os utilizadores a refletirem sobre o conteúdo e a aplicarem-no nos seus contextos individuais.

Todos os métodos mencionados neste manual estão reunidos no capítulo “Métodos selecionados dos cursos-teste” para facilitar a sua utilização nas formações. Aqui também é possível encontrar um conjunto de critérios gerais para a seleção de métodos que explicam como estes foram selecionados para os nossos cursos de formação e de que forma podem auxiliar os utilizadores deste manual na sua prática pedagógica.

As citações diretas estão referenciadas nas notas de rodapé. A nossa própria escrita não se inspirou apenas na nossa experiência, mas também num conjunto de documentos que partilhamos numa lista de leituras adicionais no fim do manual. É possível obter mais métodos e técnicas de aprendizagem, bem como uma versão *online* desta publicação, em www.global-how.de.

Reconhecimentos

A equipa do projeto “Despertar para a Educação Global” teve a sorte de poder contar com o apoio de um grande número

de pessoas. Acima de tudo, foi inspirada e incentivada por um *feedback* crítico e, na sua maioria, positivo, dos participantes, que enriqueceu substancialmente esta publicação e nos motivou fortemente no nosso trabalho. Além deles, um conjunto de peritos e formadores em ECG também contribuiu para o desenvolvimento, a implementação e a avaliação do currículo dos cursos.

Gostaríamos de agradecer a Karen Pashby por partilhar o seu entusiasmo, encorajando-nos no nosso trabalho e enriquecendo este manual ao contribuir para o prefácio. O Centro de Pesquisa de Educação para o Desenvolvimento (DERC) do Institute of Education da UCL, University College de Londres, fornece informações e conhecimentos extraídos do Módulo “Formação na Educação para o Desenvolvimento” do Curso de Mestrado em Educação para o Desenvolvimento.

Além disso, os nossos colegas e famílias forneceram-nos uma base muito necessária à troca de ideias e deram-nos paz de espírito através da sua paciência inabalável.

Estamos gratos pelo apoio financeiro que recebemos da Comissão Europeia, do Ministério do Estado Federal de Baden-Württemberg/Alemanha e do Ministério Federal Alemão para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.

Esperamos poder transmitir alguma da nossa motivação e do nosso entusiasmo pela Educação para a Cidadania Global através deste manual e gostaríamos muito de receber quaisquer comentários que o leitor possa ter acerca da sua utilização, bem como *feedback* sobre o conteúdo do mesmo.

do currículo, bem como a avaliação do curso-teste. A seguir aos cursos introdutórios para potenciais participantes, os cursos-teste foram ministrados em todos os países parceiros. Este manual de formação desenvolvido em parceria junta a experiência e os conhecimentos obtidos no decorrer do projeto.

As atividades do projeto foram acompanhadas pela combinação de um nível de definição de políticas com o objetivo de melhorar as condições do enquadramento político da ECG nos três países parceiros.

Estudo "Global What?" e entendimento comum

Durante a preparação do presente projeto, um estudo intitulado "Global What?" apresentou os resultados de um inquérito sobre a situação da Educação para a Cidadania Global com foco na formação realizada nos países parceiros do projeto. Nesse estudo, a equipa do projeto forneceu um conjunto completo do que considerou serem os ingredientes essenciais para uma abordagem comum à ECG (ver o capítulo 3.0). Este entendimento comum estendeu-se como uma linha orientadora ao longo do projeto,

fornecendo uma base a todas as atividades posteriores e reflexões no seio da equipa e para além dela, refletindo-se também neste manual.

Estudo "Global What?"

- Diagnóstico de necessidades
- Publicação conjunta por todos os parceiros do projeto

Cursos Introdutórios

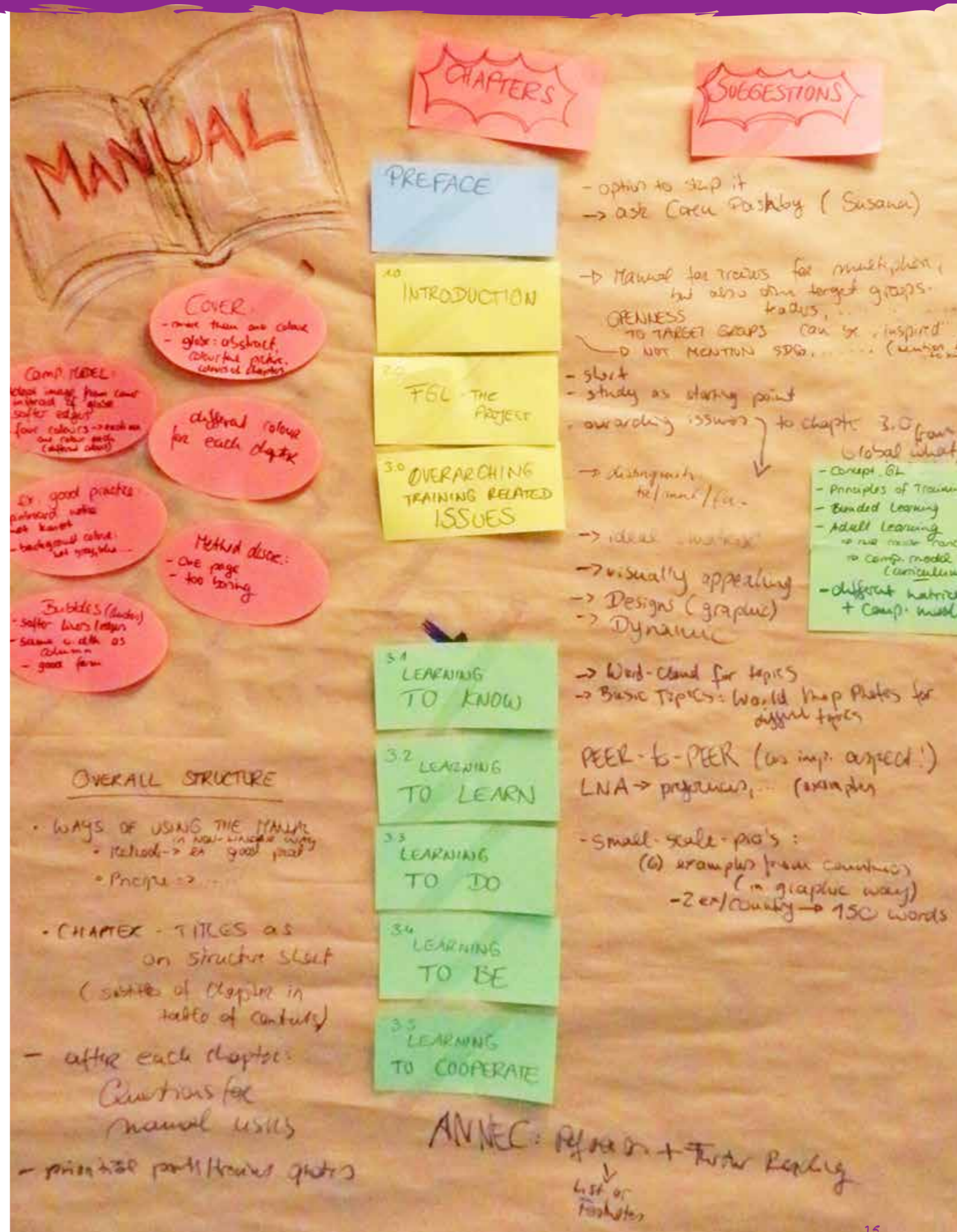
- Avaliação das necessidades e informações para os potenciais participantes

Cursos-teste

- Planeamento curricular conjunto, bem como específico do país (incl. reuniões com peritos)
- 4 módulos
- Exercício escrito
- Projetos em pequena escala
- Plataforma de ensino à distância

Manual

- Partilha e disseminação de experiências e conhecimento derivados dos cursos-teste
- Publicação conjunta por todos os parceiros do projeto



Conceitos das formações em Educação para a Cidadania Global

A conceção e o desenvolvimento de um conceito para uma formação específica em Educação para a Cidadania Global são como fazer um desenho, escrever um romance, compor uma música – trata-se de um trabalho artístico no domínio da pedagogia. Todas as partes envolvidas no planeamento de uma formação são incentivadas a desenvolverem (em conjunto) o seu conceito, contextualizado, e os princípios de formação. As noções e percepções da Educação de Adultos têm, também, de ser consideradas. Outra fonte óbvia de inspiração para o desenvolvimento de formações em ECG é a Aprendizagem Combinada com a utilização de novas ferramentas de suporte. Estes conceitos pedagógicos, bem como qualquer outro aspeto que o leitor possa considerar importante, podem contribuir em conjunto para a formulação de um modelo de competência que reflita os objetivos pedagógicos dos formadores, para

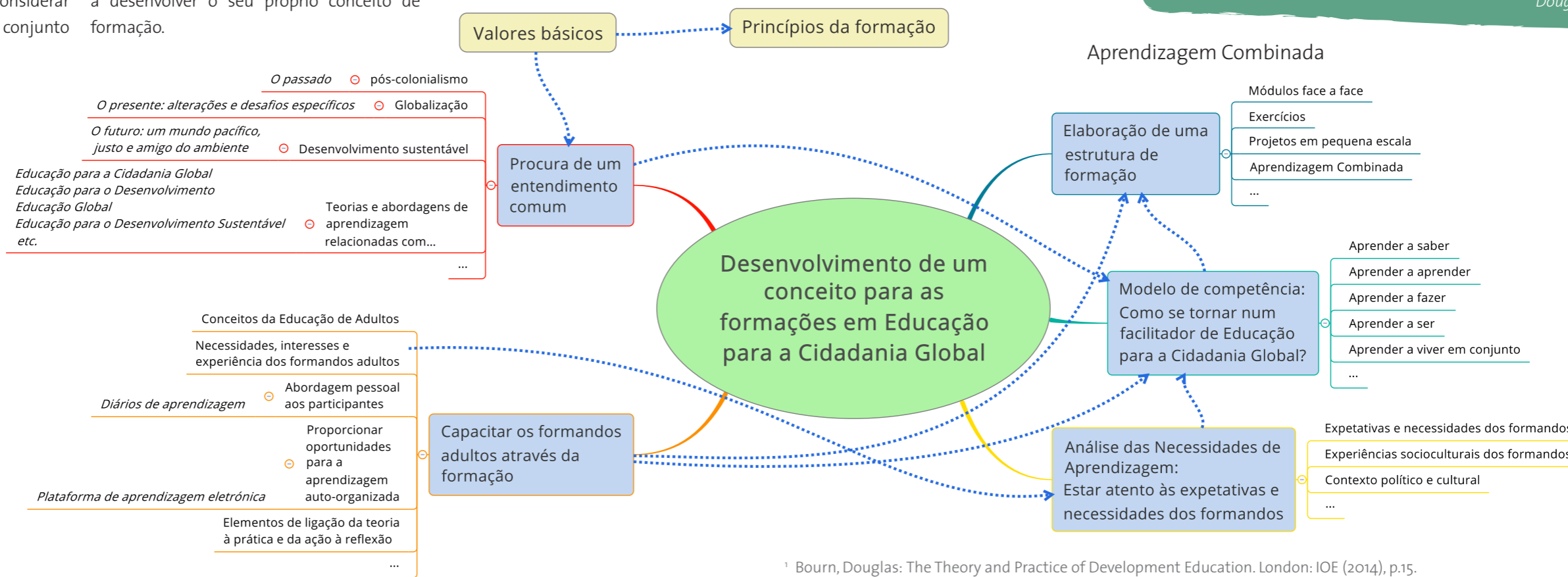
“Gostei da partilha, dos debates abertos, da dinâmica e dos temas!”

Participante português do curso de formação

além das expectativas e necessidades dos formandos, e que fornece uma base de referência para a determinação da estrutura do curso.

De seguida, incluímos uma breve descrição do que acreditamos serem elementos importantes para a conceção de uma formação destinada a facilitadores da Educação para a Cidadania Global.

O **mapa mental** que se segue mostra um panorama destes elementos e pode ajudá-lo a desenvolver o seu próprio conceito de formação.



Procura de um entendimento comum

No início do processo de planeamento, em virtude dos diversos e multifacetados conceitos da Educação para a Cidadania Global, é essencial que a equipa de formadores e as respetivas organizações criem alicerces para uma boa base de trabalho, discutam e concordem relativamente a questões relevantes para a formação. Recomendamos uma reflexão nos tópicos e questões de modo a englobarem o passado (perspetiva pós-colonial), o presente (globalização incluindo questões específicas, como a migração e as alterações climáticas) e o futuro (desenvolvimento sustentável). Os formadores devem concordar quanto aos valores básicos subjacentes da formação, tais como o respeito, a participação, a justiça, a solidariedade, etc. Adicionalmente, é vital um entendimento comum acerca das diferentes teorias e abordagens de

aprendizagem relacionadas com a Educação para a Cidadania Global e a Educação de Adultos. Como princípio orientador de todo este processo, é importante haver uma apreciação mútua das valências com que cada parte deve contribuir, bem como um reconhecimento da importância do esforço pela unidade em certos aspetos, permitindo simultaneamente uma diversidade enriquecedora (devido, por ex., a diferenças

“Ao propor a Educação para o Desenvolvimento como processo de aprendizagem, coloco uma ênfase no modo como a aprendizagem ocorre, reconhecendo que os formadores e educadores vêm para esta área de prática partindo de um vasto conjunto de experiências pessoais e pontos de partida. Também significa ver a Educação para o Desenvolvimento (...) como um processo em que os formandos participam em debates (...) que fazem referência às suas experiências pessoais e influências sociais e culturais mais alargadas.”¹

Douglas Bourn


¹ Bourn, Douglas: The Theory and Practice of Development Education. London: IOE (2014), p.15.

clients.squareeye.net/uploads/glp/GLP_pdfs/Research/DERC_report_11_-_The_Theory_and_Practice_of_Global_Learning.pdf

socioculturais, pessoais, profissionais) nos outros (ver os princípios-chave da formação, p. 25).

Tiveram de ser considerados vários aspetos na procura de um entendimento comum que refletisse e unisse as diferentes noções dos princípios da ECG partilhadas pela nossa equipa internacional de formadores. Um aspeto crucial era expressar a nossa posição quanto ao desenvolvimento (sustentável). Também pretendíamos abordar o conceito de Aprendizagem Transformadora sobre a

qual todos tínhamos acordado enquanto conceito-chave da educação num contexto de ECG². Outro ponto vital, na nossa opinião, era analisar as diferentes raízes pedagógicas da ECG (ex., Paulo Freire), bem como as diferentes abordagens à criação de ambientes de aprendizagem profícuos (ver o capítulo 3.3).³

 Quais são os elementos essenciais de um entendimento comum da Educação para a Cidadania Global no seu contexto de formação de facilitadores de ECG?

Capacitação de formandos adultos através da formação

Se estiver a orientar uma formação a praticantes de Educação para a Cidadania Global em contextos pedagógicos não formais, os formandos com quem está a lidar são, provavelmente, adultos. Fazem parte do curso de formação voluntariamente e com uma forte motivação pessoal para melhorarem ou adquirirem novas competências, novos conhecimentos, etc. Durante o seu processo de formação, deve, conseqüentemente, pensar em como – no contexto específico – pode criar ambientes de aprendizagem, i.e., organizar diferentes tipos de experiências e atividades de aprendizagem que possam ajudar a manter esta motivação e sejam apelativas para os formandos adultos. Respeitar e valorizar a experiência do formando adulto e o conhecimento que traz para a formação implica uma transferência de poder: não é o leitor, enquanto formador, que deve saber e fazer “todo o trabalho”.

Em vez disso, é essencial conhecer os formandos presencialmente e incentivá-los a assumirem o controlo dos seus próprios processos de aprendizagem enquanto, ao mesmo tempo, tomam consciência da sua própria aprendizagem neste contexto. O seu papel como formador é criar oportunidades, inspirar, apoiar e assistir os formandos no seu processo de aprendizagem individual, o que envolverá diferentes esferas de aprendizagem (ver o modelo de competência, p. 22/23), e também aceitar os seus eventuais limites e restrições.

Existem muitos aspetos a considerar a este propósito. Primeiro, é essencial basear as **atividades de formação na experiência, nas necessidades e nos interesses pessoais dos formandos adultos**, de forma a assegurar que assumem a maior relevância possível. Conseqüentemente, a realização de uma Análise das Necessidades de Aprendizagem (ver a p. 19) é um elemento essencial para o


planeamento da formação. Também é vital **incentivar os formandos a terem um papel ativo nos processos de aprendizagem**, através de atividades participativas que envolvam “a cabeça” (conhecimento cognitivo), “o coração” (aprendizagem emocional) e “as mãos” (aptidões práticas e físicas).

Para além disso, uma **abordagem pessoal aos participantes**, ou seja, que ofereça e crie oportunidades de apoio e *coaching* individual (ver o capítulo 3.2), ajuda substancialmente na abordagem a um grupo de formandos heterogéneo e a satisfazer as necessidades de cada indivíduo.

Fornecer **oportunidades para a Aprendizagem Auto-organizada** contribui fortemente para assegurar que os requisitos individuais de formação dos formandos são cumpridos e que lhes é confiada a responsabilidade pela sua própria aprendizagem. Eles devem ser incentivados a tomar as suas próprias decisões com base nas suas expectativas e necessidades pessoais através, por exemplo, de técnicas de Aprendizagem Cooperativa ou

deferramentas e plataformas de aprendizagem eletrónica referentes a leituras posteriores ou outros recursos, ou através da criação de oportunidades de troca de conhecimentos (via *chats*/fóruns) entre participantes fora das salas de aula (ver o capítulo 3.2).

Por fim, os formandos necessitam de oportunidades de experiência prática que lhes permitam associar a teoria à prática e a ação à reflexão (ver o capítulo 3.3). Este ingrediente vital para qualquer processo de aprendizagem sustentável cria interfaces com as experiências anteriores dos formandos, permitindo-lhes explorar a forma como os aspetos abordados na formação se aplicam aos seus contextos pessoais.

 Tendo em conta os aspetos da Educação de Adultos acima mencionada, bem como o grupo de participantes a quem se destina, de que forma vê e descreve as características-chave do seu papel como formador de adultos?

Análise das Necessidades de Aprendizagem: Estar atento às expectativas e necessidades dos participantes:⁴

Uma Análise das Necessidades de Aprendizagem (ANA) é o processo de **determinação das necessidades e das expectativas dos formandos a fim de se decidir qual o tipo de intervenção de formação mais útil**. Para se determinar quais as necessidades dos formandos, é importante perceber o que já sabem, o que conseguem fazer ou o que sentem acerca do tópico em questão. A ANA, de certo modo, torna-se num processo que investiga o ponto de partida dos formandos e

o ponto onde gostariam de chegar e em que pode consistir o intervalo entre estes dois pontos. A realização de uma ANA envolve considerar as perguntas que vão ser feitas aos formandos e a forma mais eficaz de as fazer no contexto da formação.

Para dar um exemplo, no caso do projeto “Despertar para a Educação Global”, a nossa Análise das Necessidades de Aprendizagem ocorreu a vários níveis. Por um lado, conduzimos um estudo durante o qual reunimos e analisámos dados gerados através de questionários enviados para organizações

² Para obter uma descrição geral introdutória da Teoria da Aprendizagem Transformadora, ver: Taylor, Edward, W.: The Theory and Practice of Transformative Learning: A Critical Review. Columbus, Ohio: ERIC Clearinghouse on Adult, Career, and Vocational Education, Center on Education and Training for Employment, College of Education, the Ohio State University (1998), p. 5-18.

³ www.calpro-online.org/eric/docs/taylor/taylor_o2.pdf

⁴ Para obter uma descrição detalhada do Entendimento Comum da nossa equipa de projeto, ver: FGL (ed.): Global What? A Study on Facts and Needs in Global Learning in Germany, Portugal and Romania (2013).

⁵ www.dachverbandentwicklungspolitikbw.de/web/cms/upload/pdf/publikationen/deab_etal_2014_global_what.pdf

⁶ Baseado em Bentall, C.: Master Course: Training for Development Education. London: Centro de Pesquisa em Educação para o Desenvolvimento (2010).

envolvidas na ECG⁵. Por outro lado, recolhemos informações sobre as expectativas e as necessidades de aprendizagem de indivíduos a um nível mais geral durante os cursos introdutórios realizados antes da formação propriamente dita (ver o capítulo 2.0) e, mais especificamente, através de um questionário facultado aos participantes do curso de formação (ver o anexo A).

☉ Quais as questões que o podem ajudar a determinar os antecedentes socioculturais dos seus participantes, o seu conhecimento e a sua experiência anteriores, valores e atitudes, motivação e expectativas a respeito do curso de formação, bem como os estilos de aprendizagem preferenciais?

☉ De que modo vai recolher as informações e processá-las?

Modelo de competência: Como se tornar num facilitador de Educação para a Cidadania Global?

Com base no seu entendimento comum e nos resultados da ANA, pode, em seguida, desenvolver um conjunto de competências pretendidas para os seus participantes: de que competências precisam para poderem assegurar uma educação de boa qualidade no contexto de Educação para a Cidadania Global?

Não caia na armadilha de pretender reinventar a roda. Em vez disso, pode ser útil investigar o que já está implementado, o que também pode constituir uma boa base para os seus objetivos.

Numa publicação intitulada “Aprendizagem para o Futuro, Competências da Educação para o Desenvolvimento Sustentável”⁶, escrita pelo Grupo de Peritos da UNECE em Competências de Educação para o Desenvolvimento Sustentável, encontramos

um modelo muito útil e que decidimos adaptar aos contextos de formação em ECG. As competências descritas no nosso modelo não se destinam a constituir resultados (mensuráveis) de um curso de formação, mas antes objetivos e perspetivas pelos quais todos os educadores de ECG se devem esforçar na sua prática educativa.

Convidamo-lo a utilizar e modificar este modelo (ver p. 22/23) de acordo com as suas metas, que compreende as seguintes áreas de competências:

»A« APRENDER A SABER

»B« APRENDER A APRENDER

»C« APRENDER A FAZER

»D« APRENDER A SER

»E« APRENDER A VIVER EM CONJUNTO

O modelo de competência que tiver escolhido ou desenvolvido informa acerca da conceção do currículo dos cursos e serve de linha orientadora durante todo o processo de formação. Nos capítulos 3.1 a 3.5, as áreas de competência individuais são mais detalhadamente realçadas e enriquecidas com exemplos de boa prática extraídos dos cursos de formação dos nossos projetos.

☉ Que áreas do modelo de competências sugerido considera mais e menos apelativas? Explique.

⁵ FGL (ed.): Global What? Estudo sobre Factos e Necessidades da Educação para a Cidadania Global na Alemanha, Portugal e Roménia (2013).

☉ www.dachverbandentwicklungspolitikbw.de/web/cms/upload/pdf/publikationen/deab_etal_2014_global_what.pdf

⁶ Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa: Learning for the Future, Competences in Education for Sustainable Development (2012). ☉ www.unecce.org/fileadmin/DAM/env/esd/ESD_Publications/Competences_Publication.pdf



MODELO DE COMPETÊNCIAS para facilitadores em Educação para a Cidadania Global

»A« APRENDER A SABER

» O facilitador está familiarizado com questões relacionadas com o desenvolvimento (sustentável) e a diversidade cultural nas dimensões de tempo (passado – presente – futuro) e de espaço (local – global), sendo capaz de as compreender e de refletir sobre elas.

- A.1 O facilitador compreende as noções básicas, bem como as diferentes perspetivas, da **globalização, do desenvolvimento e do desenvolvimento sustentável, para além do pós-colonialismo. Compromete-se de forma reflexiva com as diferentes perspetivas** (incluindo as suas próprias) e consegue **pensar em alternativas**.
- A.2 O facilitador compreende as noções básicas do **pensamento sistémico** e das formas de funcionamento dos sistemas naturais, sociais e económicos complexos e interrelacionados. Identifica ideias transformadoras e as suas implicações educativas, no sentido de se alcançar um mundo mais justo, sustentável e pacífico.
- A.3 O facilitador compreende que **todo o conhecimento é parcial e incompleto** e considera-se como um perpétuo aprendiz.

»B« APRENDER A APRENDER

» O facilitador está familiarizado com conceitos, competências e métodos de Educação para a Cidadania Global, bem como com as abordagens relacionadas com a ECG (ex. educação para o desenvolvimento sustentável), sendo capaz de compreender e de refletir sobre eles.

- B.1 O facilitador compreende as **teorias e as abordagens** relevantes para a Educação para a Cidadania Global (ex. aprendizagem transformadora, aprendizagem social, Aprendizagem Cooperativa e pedagogia crítica).
- B.2 O facilitador compreende os **princípios, estilos e métodos de aprendizagem** relevantes para a Educação para a Cidadania Global.
- B.3 O facilitador compreende os **modelos e enquadramentos de competência** relativos à Educação para a Cidadania Global/Educação para o Desenvolvimento Sustentável (relacionados com o contexto: especificado país, regional, europeu e/ou global).
- B.4 O facilitador compreende as noções básicas e os princípios da facilitação de **processos de aprendizagem em grupo** de acordo com as linhas orientadoras da Educação para a Cidadania Global (ex., relativas à gestão de conflitos).

»C« APRENDER A FAZER

» O facilitador consegue aplicar o seu conhecimento pedagógico especializado para planear e implementar com êxito ações e/ou projetos no contexto da Educação para a Cidadania Global.

- C.1 O facilitador consegue **planear, implementar e avaliar** ações de ECG a fim de facilitar uma interação educativa significativa com os formandos.
- C.2 O facilitador consegue aplicar o seu conhecimento a partir das **expetativas e das necessidades dos participantes**, e utilizar o **ambiente natural, social e cultural** dos formandos, incluindo a própria instituição dos mesmos, como contexto e fonte de aprendizagem.
- C.3 O facilitador consegue empregar uma variedade de métodos interativos, participativos e orientados para a ação e utilizar **os media**, responsabilmente, nos contextos educativos.

»D« APRENDER A SER

» O facilitador é um indivíduo que reflete acerca da sua conduta pessoal, social e política de acordo com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, relacionando-os com o seu papel de facilitador.

- D.1 O facilitador é alguém que consegue **recolher, selecionar, partilhar e comparar** informações, tendo, ao mesmo tempo, uma **mente aberta** e capacidade criativa.
- D.2 O facilitador é alguém capaz de pensar com **sentido crítico e autorreflexão**, especialmente em relação a valores (solidariedade, justiça, liberdade, independência, responsabilidade, etc.) e atitudes a tomar no seu papel de facilitador.
- D.3 O facilitador é alguém que **age como um exemplo inspirador**, esforçando-se para alcançar um mundo mais justo, igualitário, pacífico e amigo do ambiente.

»E« APRENDER A VIVER EM CONJUNTO

» O facilitador coopera, comunica e interage com os outros relativamente aos valores e processos da Educação para a Cidadania Global.

- E.1 O facilitador coopera com os outros tendo, ao mesmo tempo, consciência da **diversidade**, reconhecendo-a e celebrando-a (diferentes disciplinas, culturas, perspetivas e opiniões mundiais).
- E.2 O facilitador consegue desafiar **estereótipos e preconceitos** relativos a culturas e atitudes diferentes.
- E.3 O facilitador consegue **comunicar** com pessoas de contextos diferentes, escutando-as, aprendendo com elas e respeitando-as.
- E.4 O facilitador tem consciência do poder da sua própria função. Ajuda os participantes a **refletirem criticamente e a ultrapassarem relações de poder em contextos educativos** induzidos por condições socioculturais, históricas e individuais desiguais.

Elaboração de uma estrutura de formação

A base do planeamento de uma formação em Educação para a Cidadania Global deve incluir as suas **considerações teóricas e pedagógicas preliminares**, bem como **fatores organizacionais**, tais como o tempo e os recursos financeiros. Várias dimensões

desempenham um papel ativo quando se inicia o processo de elaboração da estrutura da formação:

- A dimensão relacionada com o **conhecimento/conteúdo** das questões/dos tópicos a incluir e a abordar nos seus cursos, como veicular a respetiva

Estrutura do curso de formação

Atividade	Conteúdo
Face a Face - Módulo I	<ul style="list-style-type: none"> » Conhecimento, competências, experiências e expectativas anteriores dos participantes (ANA) » Apresentação e discussão da estrutura do Curso de Formação » Noções Básicas de ECG I: <ul style="list-style-type: none"> - Questões-chave de Desenvolvimento e Globalização - Definições e abordagens da ECG
Exercício	Os participantes escrevem/criam um exercício ligando o conteúdo do Módulo I aos seus contextos
Face a Face - Módulo II	<ul style="list-style-type: none"> » Revisão dos exercícios » Noções Básicas de ECG II: <ul style="list-style-type: none"> - Competências da ECG - Estratégias e métodos de aprendizagem para atividades de ECG » Elaboração de ações/projetos de ECG » Primeiras ideias para projetos em pequena escala (ações de ECG no contexto local/ organizacional dos participantes)
Projeto em Pequena Escala	Planeamento e implementação de projetos (em grupos), <i>coaching</i> individual por formadores
Face a Face - Módulo III	<ul style="list-style-type: none"> » Revisão das experiências dos projetos em pequena escala » Noções Básicas de ECG III: <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação em contextos educativos » Desenvolvimento aprofundado de projetos em pequena escala » Sessão sobre tópicos específicos de ECG de acordo com as expectativas/necessidades dos participantes
Projeto em Pequena Escala	Implementação de projetos em pequena escala (Foco na avaliação)
Face a Face - Módulo IV	<ul style="list-style-type: none"> » Análise de experiências dos projetos em pequena escala » Sessão sobre tópicos de ECG de acordo com as expectativas/necessidades dos participantes » Noções Básicas de ECG IV: <ul style="list-style-type: none"> - Promoção de sinergias e interconexão - Elaboração de projetos » Reflexão e planeamento acerca dos "próximos passos" dos participantes enquanto facilitadores/praticantes de ECG » Acordo sobre novas formas de interconexão entre os participantes pós-curso

Disponibilização de novos materiais, de oportunidades de partilha fora dos módulos face a face, suporte/coaching individual pelos formadores

interconectividade, reduzindo, ao mesmo tempo, a complexidade (ver o capítulo 3.1).

- A dimensão relacionada com o formando, ou seja, estar atento às valências que os formandos trazem para a experiência de formação, descobrir formas de os "atrair" para os processos de aprendizagem, de os manter motivados e determinar as suas expectativas e necessidades de aprendizagem.
- A dimensão relacionada com a consciência dos seus próprios valores, da aceitação da diversidade e da abertura a abordagens multiperspetiva, e espaços de reflexão durante a formação.⁷

Pode achar vantajoso pensar na melhor forma de combinar vários tipos e formatos

de aprendizagem, a fim de criar experiências diversificadas, estimulantes e sustentáveis para os participantes da formação. Por exemplo, uma intervenção face a face "clássica" poderia ser apoiada por outros formatos de aprendizagem (ex. ferramentas de aprendizagem *online*) e por oportunidades para os formandos aplicarem o seu conhecimento e adquirirem experiência nos seus próprios contextos mais alargados.

A matriz (p. 24) mostra um enquadramento para a estrutura de um curso de formação que pode servir de exemplo.



Que oportunidades e desafios crê que irá encontrar ao configurar a sua estrutura de formação?

Princípios-chave da formação

Como resultado da reflexão crítica descrita nos parágrafos anteriores, todo e qualquer aspeto importante que tenha sido encontrado pode ser resumido numa lista de princípios-chave da formação, mantendo-o em aberto para revisão no decorrer da formação. Os princípios indicados em baixo são inspirados, entre outras fontes, pela Metodologia OSDE (Espaços Abertos para Diálogo e Questionamento), cujo objetivo é criar espaços seguros para diálogo e debate sobre questões globais e promover o desenvolvimento do pensamento independente e informado, do pensamento sistémico, da literacia crítica e da argumentação e ação responsáveis⁸.

Esta lista pode servir-lhe de base para reflexão:

- » **Reflexão acerca das metas e objetivos**
As metas e os objetivos da formação estão incorporados nos princípios da Educação para a Cidadania Global e combinados com os objetivos de todos os intervenientes na formação. Objetivos discordantes ou controversos serão apreciados, podendo servir de estímulo para repensar e rever as metas e iniciar uma reflexão crítica, a fim de identificarem pressupostos e/ou tendências subjacentes, de forma a assegurar que tanto os participantes como os formadores têm a certeza dos objetivos a alcançar.

⁷ Baseado em Krämer, Georg: Was ist und was will "Globales Lernen"? In: VENRO (ed.): Jahrbuch Globales Lernen 2007/2008: Standortbestimmung – Praxisbeispiele – Perspektiven. Bonn: VENRO(2007), p. 7-10.

⁸ CSSGJ (et. al.) (eds.): OSDE. www.osdemethodology.org.uk/ (see chapter 3,5)

» **Partilha de conhecimento, valores e aptidões** Cada indivíduo traz para o espaço comum um conhecimento válido e legítimo derivado do seu próprio contexto; além disso, todo o conhecimento é parcial e incompleto e, como tal, pode ser questionado. Isto aplica-se igualmente aos valores e às aptidões. Assim, a vontade genuína

de ouvir e partilhar os conhecimentos de cada um e de aprender acerca dos outros são ingredientes-chave para uma aprendizagem frutífera e recíproca.

» **Celebrar a diversidade** O conceito de perspetivas múltiplas é vital para as formações em Educação para a Cidadania Global e um

Teatro Global What?



elemento-chave para se estabelecer o respeito entre participantes e formadores. A diversidade dos participantes é explorada na ANA e celebrada em cada parte da formação (preparação, introdução, reflexão, ação, avaliação).

» **Facilitar a participação** O formador oferece aos participantes oportunidades para se enquadrarem a si próprios/uns aos outros como “professores”, maximizando, assim, a participação. Esta é uma abordagem democrática e evita que o facilitador dite as suas próprias perspetivas. Ele utiliza as aptidões do grupo para promover um potencial de liderança e capacitação, adotando a aprendizagem recíproca.

» **Capacitar os participantes** As formações em Educação para a Cidadania Global capacitam os formadores e os participantes a tornarem-se mais confiantes, autodeterminados e a marcarem a diferença relativamente ao bem social maior.

» **Aprendizagem para a transformação** As formações em Educação para a Cidadania Global promovem a aprendizagem transformadora, na qual todos os participantes podem refletir de forma crítica nas suas experiências e visões do passado, questionar as suas crenças e hábitos, procurar alternativas e, possivelmente, alterar o seu enquadramento de referência para uma nova forma de pensar e interpretar as coisas, enveredando por ações mais bem informadas e reflexivas.

» **A avaliação como uma parte integrante da formação e para além desta**

A avaliação de uma formação pode ajudar os participantes a refletirem sobre a sua aprendizagem enquanto indivíduos e como parte de um grupo. A avaliação tem de ser suficientemente flexível para englobar os objetivos da sessão, mas também qualquer aprendizagem “acidental” eventualmente adquirida durante a sessão. Esta pode incluir atividades relacionadas com a Educação para a Cidadania Global dos participantes antes da formação e levar a uma prática mais reflexiva da ECG após a formação. Desta forma, a avaliação pode contribuir para a capacitação dos participantes e para a criação de um novo ciclo de aprendizagem e ação.

» **Ter e manter uma mente crítica**

Este princípio é fundamental em todas as fases das formações (antes, durante e após a formação). Os formadores têm de ter consciência dos seus próprios pressupostos, valores e conhecimento, de como estes podem ter modelado as suas perceções de si próprios ou dos participantes e, como tal, de como podem ter influenciado o seu modo de formular os objetivos e as atividades desenvolvidas para os alcançar. Esta consciência deve estar presente na facilitação de toda a sessão de formação.

© Observando o conjunto de orientações acima expostas, que elementos integraria num esboço sobre os princípios aplicáveis à sua própria prática de formação?

Aprender a saber

O incentivo a processos de aprendizagem significativos que capacitam as pessoas a tornarem-se cidadãos globais ativos e responsáveis num mundo complexo está no coração da prática da Educação para a Cidadania Global. Um facilitador tem de estar preparado para fornecer aos formandos a base de conhecimento adequada para informar sobre esses processos.

Na formação de facilitadores, o formador tem de considerar não só o aspeto do conhecimento mais relevante para os formandos num dado contexto, mas também quais as competências necessárias aos (futuros) facilitadores para poderem lidar com o conhecimento de modo a torná-lo significativo para os processos de aprendizagem.

“Qualquer pateta consegue saber. A questão é compreender”.

Albert Einstein

Identificação de tópicos e questões para as formações

Ao selecionar o conteúdo relacionado com o conhecimento para uma formação numa área tão vasta e diversificada como a Educação para a Cidadania Global, é vital determinar **que tópicos e questões são mais relevantes para os formandos e quais serão considerados necessários pelos formadores**, a fim de proporcionarem uma experiência de aprendizagem estruturada e significativa.

Pensamento crítico criativo



No modelo de competências desenvolvido para os nossos cursos de formação, identificámos factos e perspetivas básicos da globalização, desenvolvimento, desenvolvimento sustentável e pós-colonialismo¹, que, em conjunto, constituem uma **base de conhecimento “obrigatória” para os facilitadores** (modelo de competência A.1). Para facilitar a reflexão acerca destes vastos conceitos, é necessário ligá-los a tópicos concretos

próximos da realidade pessoal e educativa dos participantes. O diagrama desta página mostra tópicos de ECG que podem tornar-se relevantes nas suas formações. A seleção não é exaustiva, destinando-se apenas a servir de estímulo.

Um dos desafios da ação pedagógica é encontrar um equilíbrio viável entre as necessidades de formação identificadas pelos formadores e as expectativas e necessidades



¹ Pós-colonialismo refere-se à história e aos efeitos políticos, sociais e culturais do colonialismo até à atualidade. Explora as relações de poder desiguais, bem como a resistência contra essas relações num vasto leque de contextos.

expressas pelos formandos. Para se alcançar este equilíbrio, é aconselhável não só observar os problemas, tópicos e debates atuais, mas também incorporar as perspectivas dos formandos, incluindo estas questões na sua ANA – Análise das Necessidades de Aprendizagem (ver o capítulo 3.0 e o Anexo A), **permitindo que os participantes do curso tenham um papel ativo na seleção de tópicos relevantes para a formação** (ver a p. 32) e fornecendo oportunidades para explorar mais profundamente os tópicos através de exercícios individuais ou ferramentas *online*, etc. (ver o capítulo 3.2, p. 38).

Interconectividade e pensamento sistémico

O diagrama da página anterior mostra tópicos selecionados relativos às dimensões da economia, da política, do ambiente, da sociedade e da cultura como um meio de se visualizar a sua interconectividade num sistema (global). A prática da Educação para a Cidadania Global deve sempre esforçar-se por **umentar a consciência desta interrelação e incentivar os formandos a terem em conta o sistema global, bem como os seus componentes**, empenhando-se de forma crítica em questões específicas, o que inclui darem espaço para múltiplas perspectivas sobre as questões e os tópicos em análise.

A dimensão “glocal” de observar como os contextos locais estão interligados com as condições globais é outro aspeto importante neste contexto. Além disso, é crucial **abordar a dimensão temporal da ligação entre o passado, o presente e o futuro** (ver o capítulo 3.0 do entendimento comum, A.2, p. 17).

“Gostei da abordagem holística às questões da Educação para a Cidadania Global e da forma como foram apresentadas e debatidas no contexto das interdependências sociais, políticas, económicas e culturais.”

Participante romeno do curso de formação

Redução pedagógica da complexidade

O mundo em que vivemos contém desafios que nos podem facilmente pressionar. Face à interconectividade e à abrangência das questões, é essencial que os facilitadores aprendam a **lidar com as informações e a sua contextualização** de uma forma que não paralise os formandos.

Em vez disso, os formandos têm de ter competências para compreender, interpretar e avaliar questões complexas e os seus contextos, expressando os seus pontos de vista e agindo em resposta às mesmas com base nessa premissa.

Neste contexto, o desafio está na **redução pedagógica da complexidade**, i.e., em descobrir uma forma de reduzir a complexidade de uma questão de acordo com os contextos dos formandos (ex., o seu nível de conhecimento) de um modo que a torne mais acessível para eles. Ao fazê-lo, é crucial evitar distorções da questão em análise que possam levar a uma representação tendenciosa ou excessivamente simplificada. Os aspetos essenciais têm de permanecer válidos e os facilitadores devem fornecer aos formandos oportunidades e competências para explorarem mais aprofundadamente as questões (ex. métodos de Aprendizagem Auto-organizada).

Asaões de ECG podem iluminar uma questão apenas de forma parcial e incompleta. A redução deliberada pode funcionar como um filtro, ajudando o facilitador a **processar o conteúdo de uma ação de ECG de acordo com as prioridades do momento e em relação às expetativas e necessidades dos formandos**.

Por exemplo, uma redução significativa de um conceito tão amplo e abrangente como o “desenvolvimento sustentável” poderia consistir em desmultiplicá-lo e explorar apenas um pequeno aspeto (especialmente durante uma ação/um projeto de curta duração), conseqüentemente, de uma forma mais exaustiva. Deste modo, é dada aos formandos a oportunidade de assimilarem um aspeto da forma mais abrangente e profunda possível, em vez de obterem uma noção muito resumida, fragmentada e vaga do cenário completo, sendo a reflexão crítica estimulada e não desencorajada. Na formação de facilitadores, é útil cada qual optar pelos seus próprios tópicos, bem como pela forma como vão trabalhar os mesmos durante a formação, devendo esta ser transparente, de modo a **mostrar como a redução pedagógica pode funcionar**. Além disso, na nossa experiência de *coaching* de participantes no seu processo de obtenção de experiência prática, a redução da complexidade de questões (globais) é, muitas vezes, um aspeto crucial e muito debatido durante o processo de *coaching*.

Resiliência e não conhecimento

Ao lidarmos com questões abrangentes e heterogêneas, compreendemos que o nosso conhecimento – enquanto formadores, facilitadores e seres humanos – é sempre parcial e relacionado com o contexto. Ninguém pode nem tem de saber tudo. Tomar consciência do desejo individual de segurança e de soluções seguras, lineares e do não conhecimento de cada um pode

constituir um desafio, mas é necessário lidar com ele, especialmente nos contextos educativos.

Oferecer soluções e respostas unidimensionais aos formandos significaria traí-los.

Uma formação pode ajudar a **incentivar os (futuros) facilitadores a tomarem consciência da parcialidade do seu conhecimento**, oferecendo espaços para reflexão acerca do que eles não sabem e também do que podem não ter possibilidade de vir a saber, e para a procura de formas de lidar com esta lacuna na prática educativa (A.3).

Uma sensação de segurança pode não estar sempre relacionada com a convicção de “ter todas as respostas”, mas antes fundamentar-se na **confiança de conseguir lidar com o conhecimento** e processar informações de uma forma que acolha o pensamento crítico e independente, tendo em consideração múltiplas alternativas. O reforço deste conceito nos formandos também suporta a sua **resiliência**, i.e., a sua capacidade de fazer face a desafios possivelmente desgastantes e experiências potencialmente frustrantes de um modo que os mantenha capazes de agir.

- © Como lida com a heterogeneidade e a interconectividade de tópicos de ECG na sua vida pessoal?
- © Como pode reduzir pedagogicamente a complexidade/abrangência dos tópicos e questões abordados nas suas formações de modo a torná-los “digeríveis” pelos participantes?
- © Ao explorar a interconectividade dos temas e ao ligar o global ao local, quais são os modos e métodos adequados de acolher o pensamento sistémico e uma abordagem multiperspetiva com o(s) seu(s) grupo(s) de participantes?

Aprender a saber – Exemplos de boa prática

Tópicos de interesse escolhidos pelos participantes – a Caixa dos Desejos

Uma prioridade das nossas formações era assegurar a mais elevada relevância possível dos elementos do curso, incluindo os conhecimentos baseados no conteúdo, para os nossos participantes.

Em virtude do vastíssimo leque de (possíveis) tópicos de Educação para a Cidadania Global e do tempo limitado à nossa disposição, fomos confrontados com o desafio de selecionar os tópicos que se revestissem de um interesse particular para os formandos. A fim de irmos além dos tópicos que nós, enquanto formadores, considerávamos essenciais, (ver o capítulo 3.0, p. 24), introduzimos uma “Caixa de Desejos” durante o primeiro módulo de formação. Os participantes eram convidados a escrever os seus tópicos de interesse num pedaço de papel, colocando-os numa caixa. A nossa função como formadores era assegurar que esses pedidos seriam respondidos no decorrer da formação.

No fim do módulo, esvaziávamos a caixa, recolhíamos e agrupávamos os tópicos e decidíamos como prosseguir com estes pedidos. No caso do curso-teste do projeto “Despertar para a Educação Global”, os pedidos submetidos referiam-se, por um lado, a tópicos específicos da ECG (ex. “compreender a migração”, “decrescimento”, “paz e conflito”, comércio justo”)

e, por outro, a questões educativas gerais (ex. “como lidar com o conflito durante as ações de ECG”, “educação inclusiva”).

Incorporávamos os pedidos de formas diferentes, por ex., convidando peritos em assuntos específicos para trabalhar com o grupo, organizando sessões contando com um profissional muito experiente em Educação para a Cidadania Global durante os quais podiam ser levantadas questões relacionadas com a prática da ECG ou ainda fornecendo mais informações (literatura) sobre tópicos específicos na nossa plataforma de aprendizagem eletrónica.

Esta abordagem centrada no formando ajudou a reduzir a heterogeneidade dos tópicos da ECG e, ao mesmo tempo, a evitar a frustração por parte dos formandos relativa a necessidades de aprendizagem não atendidas. Saber quais os tópicos mais relevantes para os nossos participantes num momento específico também nos permitiu, enquanto formadores, tê-los em consideração e fazer-lhes referência nos devidos momentos do curso-teste, criando, assim, ligações significativas com os formandos.

(Alemanha)

“Qual é a sua opinião?”

Utilizávamos esta técnica para refletirmos sobre as várias definições, visões e dimensões da Educação para a Cidadania Global e apoiarmos os participantes a encontrarem um entendimento comum.

formandos abordassem o conteúdo em análise de uma forma não linear e encorajando-os a “pensar por si próprios” nas múltiplas perspetivas e aspetos-chave da ECG (ver p. 65).

Esta técnica serviu de introdução aos conceitos relacionados com a ECG, permitindo que os

(Portugal)

Procura de soluções para questões de globalização

Ao lidarmos com as “noções básicas da Educação para a Cidadania Global”, focámo-nos entre outros aspetos, nas definições, conceitos, implicações e consequências relacionadas com a globalização, colocando uma ênfase especial nos Direitos Humanos. Na Roménia, o debate de questões relacionadas com a globalização, tornando-as na principal preocupação dos projetos e ações, ainda está numa fase muito prematura. Consequentemente, os participantes do curso mostraram um grande interesse em aprender sobre estas questões e, especialmente, nas suas repercussões em si próprios e nos seus grupos de formandos-alvo, ao abordarem a globalização em atividades não formais, por ex., através das ONG das suas comunidades.

Numa sessão de 90 minutos, escolhemos um conjunto de métodos diferentes de procura de soluções para esta questão: uma introdução oral sobre a globalização com foco nas definições, nos conceitos e nos impactos no contexto dos Direitos Humanos; uma fotogaleria

sobre a ligação entre Direitos Humanos e conceitos de globalização; um exercício sobre Direitos Humanos intitulado “Puzzle dos Direitos Humanos” (ver a p. 70) e, finalmente, um debate aberto para se tirarem conclusões sobre as soluções/medidas necessárias ao respeito pelos Direitos Humanos nos processos de globalização.

Em especial, o exercício “Puzzle dos Direitos Humanos” teve um grande impacto nos participantes. As competências associadas ao pensamento sistémico dos formandos foram questionadas. Eles concluíram que ter conhecimento de, e refletir criticamente em, perspetivas diferentes, controversas e, por vezes, opostas, da globalização, os ajudou bastante a verem os seus próprios problemas (tais como a pobreza extrema nas áreas rurais, a falta de acesso a cuidados de saúde, a exploração laboral e a discriminação das mulheres) como partes de um sistema geral com fortes ligações a aspetos da globalização.

(Roménia)

Aprender a aprender

A competência de “Aprender a aprender” está descrita no nosso modelo (p. 22/23) do seguinte modo: “o facilitador sabe, compreende e reflete sobre os conceitos, competências e métodos da Educação para a Cidadania Global, assim como sobre as abordagens relacionadas com ECG”.

A ANA (ver a p. 19) pode fornecer informações sobre o conhecimento dos antecedentes dos participantes e da compreensão dos conceitos relacionados com a ECG, bem como da sua experiência prática. Desta forma, a ANA pode ajudá-lo a identificar o que os participantes necessitam para adquirir a competência de “Aprender a aprender”. A seguir, descrevemos o enquadramento em que agimos relativamente a esta temática.

Teorias e abordagens de aprendizagem relativas à Educação para a Cidadania Global

As teorias e abordagens de aprendizagem relativas à Educação para a Cidadania Global diferem de acordo com os contextos regionais e nacionais. Os participantes dos cursos de formação podem ser encorajados a explorar e a refletirem sobre as teorias ou abordagens que sejam relevantes para o seu próprio contexto (Educação para o Desenvolvimento, Educação Global, Aprendizagem Global, Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Educação para a Cidadania Global, etc.)¹ e incentivados a descreverem a sua própria abordagem no seu trabalho futuro como facilitadores (modelo de competência B.1).

“Foi ótimo eu ter tido a oportunidade de aprender com as experiências dos meus colegas.”

Participante português do curso de formação

Apesar das suas diferenças dependentes do contexto, todas as teorias relevantes para a ECG têm raízes comuns. A mais notável delas, que forma, nas nossas mentes, uma base essencial para debate nas formações de facilitadores de ECG, é a pedagogia crítica e as ideias de Paulo Freire acerca da educação e da participação².

Outra base comum de todas as teorias de ECG identificadas pela nossa equipa do projeto “Despertar para a Educação Global” é a **Aprendizagem Transformadora**. O objetivo da ECG e dos conceitos relacionados é transformar as sociedades num mundo justo, pacífico e amigo do ambiente. A Aprendizagem Transformadora abraça a “ideia de uma educação que transforma pensamentos, atitudes e ações ao nível pessoal e da sociedade (...). É esta ideia inerente à aprendizagem transformadora do modo como as alterações pessoais e globais são criadas e interligadas que constitui uma ligação significativa à ECG”³ (ver p.18). Todos os conceitos que conferem as competências para as pessoas viverem e agirem em conjunto para o desenvolvimento sustentável a nível local e global (ex., Aprendizagem Social,



Aprendizagem Cooperativa, Aprendizagem Auto-organizada) são igualmente relevantes para os objetivos da ECG. “**Aprender a desaprender**” e questionar os preconceitos dos formadores e participantes é uma competência importante a abordar neste contexto (ver o capítulo 3.4).

Princípios, estilos e métodos de aprendizagem

Todas as teorias e todos os conceitos da Educação para a Cidadania Global exigem que a mensagem a transmitir de uma ação de ECG também seja implicitamente veiculada através dos princípios, estilos e métodos de aprendizagem empregues (B.2).

Nos nossos cursos de formação, os **métodos cooperativos de aprendizagem entre pares** revelaram-se muito bem sucedidos e apreciados pelos participantes, que também

apreciaram a possibilidade de **conhecerem e experimentarem o máximo de métodos possível**. A resposta a estas expectativas é um desafio para qualquer curso de formação em ECG. Embora exista uma grande variedade de métodos adequados a contextos de ECG (cooperativo, participativo, auto-organizado, etc.), antes de poderem ser úteis, têm de ser adaptados ao contexto do grupo de aprendizagem em questão. Assim, recomendamos que se disponha de tempo suficiente para se explorarem todos os métodos que estiverem em consideração e para se refletir acerca dos critérios de

Como se tornar num facilitador de ECG?

“A educação não é uma questão de dizer e ouvir, mas um processo ativo e construtivo.”

John Dewey

¹ Ver o comentário sobre “Educação para a Cidadania Global – ECG” no início deste manual.

² Freire, Paulo: Pedagogia dos Oprimidos. Harmondsworth: Penguin (1972).

³ FGL (ed.): Global What? Estudo de Factos e Necessidades na Alemanha, Portugal e Roménia (2013), p. 6.

📄 www.dachverband-entwicklungspolitik-bw.de/web/cms/upload/pdf/publikationen/deab_etal_2014_global_what.pdf

seleção do método (p. 58), incluindo o facto de os facilitadores terem as suas próprias preferências quanto aos métodos e à necessidade de se sentirem confortáveis em utilizá-los.

Todas as partes da formação devem ser dadas de uma forma que seja compatível com os princípios e conceitos da ECG. “**Pôr em prática o que apreçoamos**” é o princípio-chave. Durante o *coaching* dos participantes nos seus projetos em pequena escala (ou em fases semelhantes de aquisição e reflexão na sua experiência prática), é vital focarmo-nos na respetiva seleção de métodos (ver o capítulo 3.3, p. 41).

A diversificação de processos de aprendizagem através da **Aprendizagem Combinada** (*online* e presencial) é outra abordagem usada para observar os princípios da ECG. Numa sociedade em que a tecnologia moderna e a utilização de novos suportes fazem parte da rotina diária da maioria das

pessoas, faz sentido combinar vantagens das experiências da aprendizagem face a face e *online*. Fora dos períodos exteriores da aprendizagem face a face, os elementos da aprendizagem eletrónica fornecem aos participantes a oportunidade de aprenderem de forma assíncrona, conferindo-lhes o controlo do tempo, do local, do caminho e/ou do ritmo da respetiva aprendizagem. Os fóruns ou *chats* para troca de experiências oferecem espaços para se explorarem ou levantarem novas questões relevantes para os participantes.

Isto pode ajudá-lo a alargar o leque de oportunidades de aprendizagem nas suas formações e a respeitar as necessidades dos participantes (adultos). Uma plataforma *online* para acompanhar a formação pode ser uma ferramenta útil para documentar sessões presenciais, desenvolver questões/tópicos abordados durante as sessões, fornecendo aos formandos material didático adicional e criando espaços para a troca de

Disseminação de ideias para o desenvolvimento sustentável

experiências (relacionada com a formação) entre os participantes.

As ferramentas *online* também podem enriquecer o âmbito dos seus métodos em termos de abordagens criativas e inovadoras às questões da Educação para a Cidadania Global (ver 3.1 p. 33).

Quando planear uma formação, pode achar conveniente considerar o que é necessário para tornar a Aprendizagem Combinada eficaz e bem-sucedida, mas também até que ponto irá utilizar elementos de aprendizagem eletrónica nas suas formações. Os formadores precisam de estar disponíveis e de ter alguma experiência na utilização de ferramentas que proporcionem a Aprendizagem Combinada. Manter uma plataforma *online* requer recursos em termos de tempo e dinheiro; muitas vezes, exige que uma pessoa se encarregue de iniciar fóruns e *chats*, de os manter ativos, etc.

Modelos e estruturas de competências

Um modelo de competências define as aptidões e o conhecimento que os formandos devem adquirir num dado contexto de aprendizagem. Pode ser recompensador, durante a formação, explorar os **modelos de competências**⁴ da Educação para a Cidadania Global em relação aos modelos de competências relevantes para outros

contextos (B.3). Uma análise dos pontos em comum e das diferenças entre os modelos de competências selecionados pode ajudar os formadores a determinarem competências específicas que eles possam desenvolver melhor no seu próprio trabalho enquanto facilitadores.

Facilitação de processos de aprendizagem

Os formadores dos cursos de formação de ECG trabalham no campo dos processos de educação de adultos ou contínua. Assim, devem demonstrar e praticar princípios da Educação de Adultos e Contínua durante as suas formações e dispor de espaço para refletirem sobre como estes princípios podem ser aplicados de acordo com os princípios da ECG⁵ (ver também o capítulo 3.0 p. 18, B.4).

- ☉ Que teorias e abordagens da aprendizagem são relevantes para si enquanto formador? Que teorias da aprendizagem considera dominantes e difundidas, e quais, embora pouco conhecidas, vale a pena promover?
- ☉ Que recursos para a facilitação da Aprendizagem Combinada já estão disponíveis e quais são os de que ainda necessita para uma utilização adequada no seu curso de formação?

⁴ Para obter exemplos de modelos e estruturas de competência, consultar:

- Centro Norte-Sul do Conselho da Europa (ed.): Global Education Guidelines. A handbook for educators to understand and implement Global Education. Lisbon (2012), p. 22 e segs. www.coe.int/t/dg4/nscentre/GE/GE/GE-Guidelines/GEguidelines-web.pdf.

- UNECE (Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa) (ed.): Learning for the Future, Competences in Education for Sustainable Development (2012), p. 14 e segs. www.unecce.org/fileadmin/DAM/env/esd/ESD_Publications/Competences_Publication.pdf

- UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura): Global Citizenship Education: Preparing learners for the challenges of the twenty-first century (2014), p. 17. unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227729E.pdf, pode encontrar uma lista de competências relacionadas com esta abordagem pedagógica.

⁵ Existe uma grande variedade de livros e fontes *online* de princípios de aprendizagem contínua e educação de adultos que o podem ajudar a obter mais informações sobre esta questão, especialmente, no que respeita o seu próprio contexto. Pode encontrar uma breve descrição geral de princípios básicos da educação de adultos aqui: ala.asn.au/adult-learning/the-principles-of-adult-learning/



Aprender a aprender – Exemplos de boa prática



Utilização de ferramentas TIC para explorar tópicos e questões da Educação para a Cidadania Global

Durante o nosso curso de formação, o uso de ferramentas de TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), em combinação com as redes sociais, abriu possibilidades para a abordagem de valores de justiça global, assim como de conceitos de ECG de uma forma criativa e inovadora. A mudança social e o pensamento crítico são conceitos fundamentais da ECG. As ferramentas baseadas na Internet podem ser um instrumento poderoso para apoiar a exploração de questões, especialmente à luz destas noções-chave. O benefício individual que retiramos das especificidades da vida numa sociedade tecnológica moderna, por ex., o uso de ferramentas baseadas na Internet, pode, assim, complementar a utilização de métodos mais “tradicionais” de transmissão de conhecimentos e da consciencialização de tópicos específicos da ECG. Ao utilizarmos essas ferramentas nas redes sociais, conseguimos ir além da esfera imediata do curso de formação, melhorar o potencial “multiplicador” da partilha e a disseminação de ideias de uma forma menos tradicional, beneficiando de vantagens, como a capacidade de se alcançar um maior número de pessoas, aproveitar melhor o tempo e reduzir custos.

No curso de formação português, salientámos as seguintes ferramentas baseadas na Internet:

- Meme Generator (imgflip.com/memegenerator): O chamado meme é “uma ideia, comportamento ou estilo que se transmite de pessoa para pessoa numa cultura”¹. Um meme centra-se frequentemente no

humor ou é construído com base na criação de uma certa “experiência aha”. Pedimos aos participantes que utilizassem o “Meme Generator”, uma ferramenta online grátis de criação de imagens com a qual pode ser adicionado texto a imagens como meio de exploração de questões abordadas no nosso curso de formação, como os Direitos Humanos, a solidariedade internacional e o Desenvolvimento Sustentável.

- Comic Strip Creator (comicstripcreator.org) é uma aplicação freeware, não comercial, para criar banda desenhada. Utilizando este instrumento online, os participantes do curso apresentaram e partilharam as suas perspetivas acerca do Desenvolvimento Sustentável e da Justiça Social.
- Animoto (animoto.com) é um serviço de vídeo baseado numa cloud que transforma fotos, videoclips e música em diaporamas de vídeo.

Utilizámos este serviço para estimular os formandos a explorarem visualmente e a analisarem os desafios e problemas inerentes aos conceitos de “desenvolvimento”.

- Dipity (www.dipity.com): Esta cronologia interativa e visualmente apelativa provou ser uma forma muito adequada de abordagem a diferentes marcos da Educação para a Cidadania Global.

(ver p. 69)

(Portugal)

Exercício

Uma das nossas prioridades durante as formações era dar aos formandos oportunidades de encontrarem formas significativas de ligarem o conteúdo do curso de formação aos seus próprios contextos pessoais e profissionais, bem como aprofundarem o seu conhecimento de acordo com as suas expectativas e necessidades individuais. Para alcançarmos este objetivo, tentámos introduzir elementos da Aprendizagem Auto-Organizada. Um desses elementos era um exercício escrito que era pedido aos participantes após o primeiro módulo do curso de formação.

Ao descreverem a sua tarefa, deixámos deliberadamente em aberto o âmbito do tema sobre o qual os participantes deveriam escrever, para que pudessem escolher os seus próprios tópicos e decidirem sozinhos como pretendiam desenvolver o processo de investigação e redação. Os poucos pontos que especificámos foram a extensão do exercício (i.e., o número de páginas/palavras), o prazo de entrega e que deveria existir uma ligação entre o conteúdo do primeiro módulo e o contexto do participante. A redação do exercício foi individualmente orientada pelos formadores que sempre que necessário – ajudavam a definir e a restringir

os tópicos, as fontes recomendadas, etc. Os coaches também fizeram um comentário final, de caráter apreciativo e construtivo, e salientaram formas de exploração mais aprofundada do tópico.

O resultados demonstrados pelos participantes foram bastante diversos, incluindo uma exploração aprofundada de um dos métodos utilizados no módulo e as suas implicações na prática da ECG, um rascunho de um artigo sobre Desenvolvimento Sustentável a ser publicado e a análise de um filme com foco na sua relevância para a ECG.

Durante o módulo seguinte, os participantes partilharam as suas experiências de elaboração do exercício, beneficiando, assim, do processo de aprendizagem de cada um. Os exercícios individuais foram carregados para a plataforma da Internet que acompanhou o curso, para que os participantes pudessem beneficiar dos conhecimentos e dos esforços uns dos outros.

(Alemanha)

O laboratório da Educação para a Cidadania Global

O objetivo deste exercício era dar aos participantes a oportunidade de se familiarizarem com os conceitos e métodos da ECG e permitir-lhes aplicar na prática os princípios da ECG no desenvolvimento das apresentações. Para o exercício (a seguir ao módulo 1, ver acima), foi pedido aos participantes que abordassem diferentes questões relacionadas com a ECG. O conteúdo destes exercícios formava a base das apresentações, incorporando jogos, exercícios, reflexão e momentos de avaliação dinamizados por um participante para todo o grupo.

Aliando a teoria à prática, este exercício fornecia um espaço para comunicação e pensamento crítico acerca de ambas as

abordagens teórica e didática à ECG, dando aos participantes a oportunidade de identificarem a influência exercida pela ECG no indivíduo e na sociedade, e de identificarem competências de ECG relevantes relacionadas com a mesma. Os debates também contribuíram para determinar a forma como a ECG pode contribuir para aumentar a consciencialização acerca da responsabilidade da sociedade global. (ver p. 67).

(Roménia)

¹ www.merriam-webster.com/dictionary/meme

Aprender a fazer

Para se conferir competências aos (futuros) facilitadores da Educação para a Cidadania Global, na ação pedagógica, estes têm de possuir conhecimentos e munir-se de ferramentas para o planeamento, a implementação e a avaliação das suas práticas, quer seja para intervenções curtas ou para projetos de maior duração (modelo de competência C.1). “Aprender a fazer” é a área de competência que, neste contexto, indica o que consideramos importante ter em conta ao prepararmos os participantes para a prática da ECG.

Planeamento – Estruturação da ação de ECG

Após ter identificado uma ideia geral e definido um tópico (ver o capítulo 3.1), o facilitador deve ter em conta as expectativas e necessidades, bem como o ambiente natural, social e cultural dos formandos aos quais se destina a ação de ECG, como ponto de partida para o desenvolvimento de uma abordagem estruturada ao planeamento da ação propriamente dita (ver o capítulo 3.0, modelo de competência C.2). Nas formações, pode ser muito útil para os formadores e participantes trabalharem com uma **matriz de planeamento**.

Para o facilitador, na formação, a matriz de planeamento fornece um panorama dos aspetos importantes do processo de planeamento e ajuda a identificar e definir as etapas-chave da ação de ECG.

“Eu diria que este foi o maior desafio, mas ao mesmo tempo, o mais recompensador. Trabalhei com todo o grupo mas, simultaneamente, trabalhei com cada participante individualmente, especialmente abordando questões como a motivação, as competências pessoais e profissionais, a parceria ou a adaptação da teoria e da prática gerais ao contexto local específico.”

Mihaela Amariei, formadora do curso na Roménia

Para o formador, a matriz de planeamento (completada pelo facilitador na formação) fornece uma orientação na transmissão do *feedback* sobre o processo de planeamento (para efeitos de *coaching*).

A estrutura da ação pedagógica deve refletir os aspetos-chave da Educação para a Cidadania Global. Por exemplo, a incorporação de oportunidades para a (auto) reflexão crítica pode destacar a importância deste aspeto da prática da ECG. Também pode colocar uma ênfase na atribuição de habilitações aos formandos para agirem como cidadãos globais responsáveis e críticos reservando espaço e tempo para as possibilidades de desenvolvimento, para que os participantes “se tornem ativos” nos seus contextos específicos (ver exemplos de boa prática para este capítulo).

No anexo (p. 84), incluímos duas matrizes diferentes que foram utilizadas durante os nossos cursos de formação para apoiar os participantes no planeamento das suas ações pedagógicas.

Implementação – seleção de métodos e suportes

A formação propriamente dita é uma excelente oportunidade para os formadores partilharem técnicas e métodos de aprendizagem com os participantes. Isto permite que os participantes experienciem de que modo as várias formas de aprendizagem podem contribuir para a dinâmica de uma ação pedagógica e criar uma experiência de aprendizagem sustentável. Também os ajuda a desenvolver **um repertório de métodos** para diferentes contextos e grupos de formandos de ECG e a determinar por eles próprios com que (tipos de) métodos se sentem confortáveis (ver o capítulo 3.2). A formação pode ajudar os participantes a tornarem-se conscientes dos **critérios de seleção de métodos** de acordo com aspetos-chave da ECG. Para ver uma lista que sugere critérios possíveis de seleção de métodos para ações de ECG, consulte a página 58 (C.3).

Para assegurar que os métodos e os suportes são escolhidos de uma forma informada e responsável, também é possível utilizar as listas de controlo existentes, tal como a lista de controlo HEADSUP da autoria de Vanessa Andreotti². Os participantes também podem ser encorajados a desenvolver as suas próprias listas de controlo, de acordo com as suas necessidades e os seus contextos específicos.

Coaching

Para ficarem preparados para a prática da Educação para a Cidadania Global, os facilitadores necessitam de oportunidades

de experimentar o que aprenderam durante a formação e adquirir experiência prática. As fases da formação prática em que se conta com o *coaching* dos formadores bem como com o apoio dos colegas de formação, podem contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos facilitadores.

A obtenção de uma apreciação positiva de uma (boa) prática educativa pode ser altamente capacitante. Os participantes podem adquirir conhecimentos encorajantes e reveladores ao partilharem as suas experiências de formação com os formadores e colegas. O mesmo acontece com o *feedback* que englobe as dificuldades ou experiências momentaneamente

“O educador é, evidentemente, um artista, mas ser um artista não significa que não possa criar o perfil dos estudantes ou modelá-los. O que o educador faz ao ensinar é permitir que os estudantes se tornem neles próprios.”¹

Paulo Freire

desencorajantes encontradas durante a formação prática. Assumir estas experiências como uma **oportunidade de aprendizagem** pode ser muito mais fácil quando são partilhadas com um formador ou colega.

O *coaching* através de formadores ou facilitadores experientes não só fomenta a consolidação e a reflexão crítica acerca do conhecimento e das aptidões adquiridas, mas

¹ Freire, Paulo: Conflito é a parteira da consciência. In: Bell, Brenda (et. al.): Nós fazemos o caminho caminhando: Conversações sobre Educação e Mudança Social. Philadelphia: Temple University Press (1990), p.181.

² A HEADS UP-Checklist (<https://globalwh.at/heads-up-checklist-by-vanessa-de-oliveira-andreotti/>) de Vanessa Andreotti de Oliveira pode ajudar a avaliar os métodos, suportes, etc. a considerar para uma ação de ECG com uma perspetiva pós-colonial. Outro exemplo de critérios de seleção nos processos de Educação para a Cidadania Global é uma lista de critérios de qualidade para a Educação para a Cidadania Global destinada aos países de expressão germânica https://venro.org/uploads/tx_igpublikationen/2012_Diskussionspapier_Bildung.pdf

também ajuda a desenvolver competências de facilitação “suaves”, tais como o uso apropriado das linguagens verbal e corporal e a gestão do tempo. Os seguintes aspetos revelaram-se úteis para o *coaching* de facilitadores de ECG:

- Utilização de um modelo de competência como base para o seu *coaching*.
- Numa conversa preliminar com o formando, explique o que tenciona comentar e estabeleça um acordo sobre um **ponto específico** em que o *coaching* se deverá focar tendo em conta as necessidades do formando.
- No início de uma ação pedagógica dinamizada por um **formando**, explique o seu papel. Certifique-se de que compreendem que se encontra ali para prestar apoio, e não para julgar, de forma a que não se sintam inibidos.
- A sessão de *feedback* deve ter lugar numa atmosfera segura e relaxada, de preferência, logo após a ação, em observância das seguintes regras:
 - » **Regras básicas para o coach:** dê o seu *feedback* na primeira pessoa. Seja o mais específico possível (por ex., designando situações que aconteceram realmente). Evite interpretações. Deixe claro que o seu *feedback* reflete a sua opinião pessoal e não necessariamente a de terceiros. Enumere alternativas (conteúdo/ métodos/ atitudes/etc.).
 - » **Regras básicas para o formando:** ouça atentamente. Se algo não for claro para si, pergunte. Evite discussões. Não se defenda. Agradeça ao *coach*. Decida por si próprio quais as sugestões que tenciona pôr em prática.

» **Procedimento de *feedback*:** no início, o *coach* pergunta ao formando qual a sua perspetiva sobre o que sente acerca da ação: O que funcionou bem? O que não resultou conforme esperado? O que alteraria da próxima vez? Em seguida, o *coach* dá o seu *feedback* começando com observações positivas e continuando com sugestões para a melhoria (mencionando diferentes alternativas), terminando então com uma nota positiva e encorajadora. Por fim, tomam-se providências para se prestar uma atenção especial a um acompanhamento (de acordo com as sugestões dadas pelo formando ou pelas suas próprias preferências).

Esta lista não pretende ser exaustiva. Uma autorreflexão das experiências próprias do formador enquanto formando em contextos educativos pode gerar ideias futuras para o *coaching* de participantes.

Avaliação

Os facilitadores da Educação para a Cidadania Global na formação têm de tomar consciência da importância da avaliação para o seu crescimento profissional (certamente mais do que a sua importância para manterem os doadores financeiros felizes). A defesa de uma atitude construtiva e apreciativa para com a avaliação também pode ajudar aqueles que estiverem apreensivos a respeito da mesma, quer seja por acharem que apenas serve para agradar às instituições ou porque simplesmente não veem valor nenhum nela para o seu trabalho.

O conceito de Avaliação para Capacitação adequa-se especialmente bem à prática da ECG. Destina-se a colocar a tarefa da avaliação



nas mãos daqueles que estão envolvidos na aprendizagem e a encorajá-los a realizá-la “de dentro”. Assumir a propriedade do processo e dos resultados da avaliação fomenta o melhoramento ativo. A utilização de métodos e ferramentas participativos coloca o formando e os processos de aprendizagem no centro da avaliação (ver p. 35 e p. 64). Assim, um curso de formação em ECG deve fornecer aos participantes a motivação e as ferramentas para avaliarem e desenvolverem o seu desempenho enquanto facilitadores, bem como outros aspetos da ação de ECG³.

O princípio de “fazer o mesmo que se apregoa” é essencial aqui. Iniciar o processo de planeamento para uma formação com uma ANA, apoiar a formação real de uma

avaliação/monitorização contínua e segui-la de uma avaliação final (e possivelmente posterior) devem fazer parte de uma boa prática de formação, salientando o papel dos formadores também como formandos que abraçam a (auto)reflexão crítica.

Levanta-te e Atua!

- © O que poderia ser uma estrutura adequada para uma matriz de planeamento destinada aos seus participantes?
- © O que conteria a sua lista de controlo de critérios de qualidade para uma ação de Educação para a Cidadania Global?
- © Que métodos de avaliação poderiam capacitar os seus participantes?

³ Wandersman, Abraham (et al.): The principles of empowerment evaluation. In Fetterman, M. David; Wandersman, Abraham: Empowerment evaluation principles in practice. New York: Guilford (2005), p. 27-41.

Aprender a fazer – Exemplos de boa prática: Projetos em pequena escala

Tópico Mudança global e igualdade de direitos
Participantes Membros da comunidade de Tulcea (Roménia)
Objetivo

- Aumentar a consciência da relação entre mudanças globais e a garantia de direitos guais para todos
- Refletir sobre a responsabilidade de cada pessoa a este respeito

Formato Três workshops de duas horas com 20 participantes cada
Métodos Trabalhar em pequenos grupos, exercício de simulação, debate em grupo

“O meu workshop focou-se em fenómenos e desigualdades globais, nas ligações entre os processos e os seus efeitos a nível local, nacional e global. Espero que, ao relacionar estas questões com as suas vidas e ao envolvê-los ativamente no processo de aprendizagem, eu tenha ajudado os participantes a tornarem-se mais confiantes no seu papel de cidadãos globais e que os tenha consciencializado para a responsabilidade de agir no sentido de um mundo justo, diversificado e interdependente. Na sessão de seguimento, os participantes partilharam os seus conhecimentos levando a cabo ações de ECG nos seus respetivos contextos.”

Tamara - Roménia

Tópico Fim ao desperdício alimentar!
Participantes Crianças do primeiro ciclo (idade 6-10)
Objetivo

- Aumentar a consciencialização sobre a produção e o desperdício de comida (a nível global)
- Refletir sobre formas de se evitar o desperdício de comida

Formato Workshop de duas horas
Métodos Aprendizagem por postos

“As crianças pequenas já sabem que todos precisamos de comida para sobreviver e ter uma vida saudável e, no entanto, ao mesmo tempo, todos os dias é desperdiçada imensa comida. Começámos este workshop numa escola primária, levando as crianças a refletirem sobre os seus hábitos no que respeita à comida. Foram convidadas a seguir a viagem de uma banana e uma laranja através de vários postos que forneciam tarefas para a Aprendizagem Auto-organizada. Cada posto representava um estágio na cadeia de produção global da fruta. Ao resolverem as tarefas em conjunto, tornou-se claro para elas a quantidade de comida que era desperdiçada desde a plantação até ao prato e os problemas relacionados com esta questão. Levantámos um debate sobre como estes problemas podem ser combatidos e as crianças avançaram com soluções bastante criativas sobre como as várias partes intervenientes podem evitar o desperdício de comida. No fim, refletimos sobre como a comida é, possivelmente, desperdiçada nas nossas próprias casas e acerca do que podemos fazer para o evitar.”

Iuliana e Johanna - Alemanha

Tópico Pensar globalmente: saúde sexual e reprodutiva num contexto global
Participantes Voluntários de uma organização associada à saúde sexual e reprodutiva
Objetivo

- Aumentar a consciencialização sobre questões da saúde global
- Desenvolver as competências dos participantes enquanto multiplicadores da Educação para a Cidadania Global

Formato Workshop de três horas
Métodos Técnicas de aprendizagem interativa, debate, exercícios

“Como exercício introdutório, pedi aos participantes que desenhassem um mapa do mundo mostrando os diferentes continentes e, com o meu apoio, recolheram alguns factos acerca da distribuição populacional em comparação com a atribuição de recursos por continente. Depois, iniciei um debate sobre os efeitos positivos e negativos da globalização. Apresentei os ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milénio) e alguns dos resultados a eles associados. Selecionando ODM relevantes, os participantes discutiram a importância da saúde sexual e reprodutiva. Em seguida, orientei um exercício acerca das barreiras culturais enfrentadas pelo fornecimento e acesso aos serviços na área da saúde sexual e reprodutiva, tanto a nível global como local. Na sessão de seguimento, pedi a cada participante que completasse um exercício destinado a investigar e descrever uma situação real de qualquer país ou região do mundo relacionada com o acesso a serviços de saúde sexuais e reprodutivos.”

Anamaria - Roménia

Tópico Tão inteligente?! – O que tem o meu telemóvel a ver com a globalização?
Participantes Estudantes de 15-18 anos
Objetivo

- Promover a consciencialização sobre a cadeia de fornecimento global de telemóveis e os problemas a ela associados
- Abordar a questão da responsabilidade e da esfera de ação dos participantes sobre a dimensão ambiental e social da produção de telemóveis

Formato Workshop de três ou quatro horas
Métodos Métodos de Aprendizagem Auto-organizada e Cooperativa (aprendizagem por postos), com recurso a objetos (telemóvel), vídeos, métodos interativos, discussão plenária

“Os telemóveis são, possivelmente, os objetos mais vitais das vidas de muitos estudantes. Neste workshop, utilizei o tema dos telemóveis visto que é algo que está muito próximo da vida diária dos estudantes, ligando-o a questões globais, especificamente, ao impacto social e ambiental das cadeias de fornecimento globais da indústria dos telemóveis. Os estudantes tiveram a oportunidade de explorar os componentes de um telemóvel e obter informações sobre onde e em que condições as diferentes peças e matérias-primas são produzidas. Eles discutiram estas questões no contexto dos impactos global e local. Uma parte importante do workshop foi a reflexão acerca da nossa responsabilidade enquanto utilizadores finais, bem como das possibilidades que temos para agir em prol de um consumo e de uma produção mais sustentáveis e socialmente justos.”

Jörg - Alemanha

Tópico É tempo de agir! Habilitar agentes de transformação ativos na comunidade
Participantes Homens e mulheres residentes na Quinta do Cabrinha (Lisboa, Portugal)
Objetivo

- Promover a consciencialização dos princípios de tolerância e diversidade
- Introduzir conceitos relacionados com os Direitos Humanos e Cidadania Global
- Criar uma campanha de consciencialização conjunta destinada à comunidade local (sobre um tópico escolhido pelos participantes)

Formato Workshop de quatro horas
Métodos Informações sobre ECG, trabalho de grupo, técnicas de aprendizagem interativa

“O projeto implementado era substancialmente diferente do que tínhamos planeado inicialmente: uma sessão de formação de 15 horas transformou-se num workshop de 4 horas com um grupo de homens e mulheres dos 20 aos 40 anos. Estes participantes já tinham trabalhado no campo da Educação para a Cidadania, mas focados nos seus contextos locais. Durante o workshop, demos-lhes a oportunidade de refletirem sobre o facto de pertencerem, não apenas à comunidade local imediata, mas também a um contexto mais alargado, ou seja, o país e o mundo. Achámos um grande desafio o facto de adaptar e restringir drasticamente o plano de sessão de formação inicial em tão pouco tempo. Mas depois de uma introdução ao conceito de Educação para a Cidadania Global (ECG) e de um debate sobre como analisar os temas do contexto local para a global, o grupo mostrou-se muito motivado e demonstrou interesse em continuar a aprender mais sobre os tópicos introduzidos nos workshops.”

Carla - Portugal

Tópico Educação para a Cidadania Global – Educação para Todos
Participantes Pais, professores, educadores
Objetivo

- Capacitar as pessoas através da Educação para a Cidadania Global (ECG)
- Partilhar ferramentas e técnicas educativas não formais
- Promover a consciencialização da “Campanha Global pela Educação” (www.campaignforeducation.org/en/)

Formato Curso de formação de um dia
Métodos Atividades introdutórias, métodos de Aprendizagem Cooperativa, discussão em grupo

“Com esta ação, pretendi dar espaço para a reflexão sobre conceitos relacionados com a “Educação para Todos”, e também partilhar com os participantes técnicas educativas interativas não formais destinadas a eventos educativos associados a este tema.

Os participantes – muitos dos quais já educadores experientes – mostraram-se muito motivados e empenhados no workshop, já que tencionavam executar atividades durante a próxima “Semana de Ação Global/Campanha Global para a Educação”.

Os participantes disseram-me, na avaliação, que apreciaram especialmente a aprendizagem que adquiriram uns com os outros através da reflexão e da discussão em grupo. Quanto a mim, enquanto facilitadora desta ação, achei muito desafiante lidar com a falta de tempo para a realização da fase de planeamento, bem como com a própria ação, especialmente em virtude da dimensão alargada do tópico.”

Sofia - Portugal

Aprender a ser

As competências ligadas ao “fazer” são indubitavelmente vitais para um educador que procure o sucesso na sua prática pedagógica. No campo da Educação para a Cidadania Global, isto compreende não apenas a capacidade de lidar com o conhecimento, mas também de saber como a aprendizagem pode ter lugar numa ação de ECG. Para além disso, todos sabemos que o grau de sucesso de uma ação de ECG assenta na pessoa que “atua”, na sua **personalidade individual e nos valores e atitudes que traz para o processo de aprendizagem**. Especialmente num campo pedagógico tão fortemente baseado em valores como a Educação para a Cidadania Global, ter uma conduta genuína e “autêntica” é tão necessário como esperado por parte dos facilitadores.

Os facilitadores empenharam-se na prática educativa com a convicção de que os objetivos e valores educativos da ECG e a visão por trás deles contam. Eles pretenderam cativar os formandos para a ECG de forma significativa, transmitir valores e interagir, tendo sempre consciência de que eles próprios também são (e serão sempre) formandos. Este esforço para serem sinceros, para se tornarem mais autoconscientes e para se empenharem na reflexão crítica sobre si próprios, os outros, as relações pessoais, os contextos, etc., pensando “fora da caixa”, exige o desenvolvimento de competências que ajudem a lidar tanto com as oportunidades, como com os desafios envolvidos neste processo. De seguida, abordamos aspetos que consideramos importantes a este respeito.

“Quando penso no desafio de ter de manter uma atitude resiliente no meu trabalho diário, um aspeto-chave é eu não querer convencer as pessoas a fazerem isto ou aquilo bem. Apenas pretendo apoiá-las de modo a poderem decidir por elas próprias até que ponto tencionam empenhar-se nas questões do desenvolvimento ou da Educação para o Desenvolvimento. Apenas apoio e forneço as bases, o conhecimento e as possibilidades para decidirem o que pretendem fazer no futuro e que oportunidades precisam para se tornarem ativas. Depois disto, basta-me recostar e observar. Acima de tudo, não quero ser a Sra. Perfeita, mas antes um modelo a seguir, refletindo criticamente na minha conduta pessoal no contexto do Desenvolvimento Sustentável.”

Sigrid Schell-Straub, formadora do curso-teste, na Alemanha

Pensamento crítico e autorreflexão

Os conceitos e teorias de aprendizagem na ECG e na educação política são sempre baseados em valores e normas, i.e., não se limitam meramente a declarar factos, mas a compreender, a avaliar e, conseqüentemente, a agir em resposta aos mesmos. O interesse e a abertura para a discussão de atitudes e valores, deveriam, assim, prevalecer em todas as formações e em todas as ações de ECG. As formações precisam de fornecer espaço para o pensamento crítico e para a autorreflexão dos participantes, especialmente, no que diz respeito aos seus próprios valores e atitudes relativos a questões de ECG e à procura de **consistência entre valores e ações**.



De acordo com uma das regras que fundamentam a Metodologia OSDE (Espaços Abertos para Diálogo e Questionamento) destinada à criação de espaços seguros para o diálogo e o questionamento acerca de questões e perspetivas globais (ver os capítulos 3.0 e 3.5), **todo o conhecimento está relacionado com quem somos e de onde viemos** e, como tal, é parcial e incompleto¹. Isto significa que a (auto)reflexão crítica sobre o papel e a responsabilidade dos educadores de ECG deveria ser uma parte essencial do processo de formação.

Assim, deveriam ser dadas aos participantes oportunidades de pensarem em como o conhecimento é selecionado, gerido e apresentado na sua prática educativa e de que

modo podem **reduzir pedagogicamente a complexidade, mantendo, ao mesmo tempo, um pensamento livre de preconceitos, tendo em conta as múltiplas perspetivas sobre um mesmo assunto** e criando espaços para o pensamento “fora da caixa” (ver o capítulo 3.1, modelo de competência D.1). No *coaching*, os formadores podem encorajar os facilitadores a refletirem e a avaliarem estes aspetos de acordo com as aptidões dos seus participantes (ver o capítulo 3.3). Adicionalmente, uma formação em ECG deve criar espaços para os participantes encontrarem a sua própria estância pessoal relativamente a questões de desenvolvimento em paralelo com os seus juízos de valor. Enquanto facilitadores, terão de pensar em como podem promover ações de ECG com base nos seus próprios

O que vê?

¹ CSSGJ (et. al.) (eds.): OSDE. Ground Rules. www.osdemethodology.org.uk/groundrules.html

valores normativos e, ao mesmo tempo, mantendo-se abertos às opiniões, aos valores e às atitudes pessoais dos seus participantes. Para isso, é crucial considerar os **princípios inerentes à transmissão de valores**.

Uma forma de **fomentar o desenvolvimento pessoal dos participantes e criar oportunidades para refletirem na identidade** através da formação pode ser a implementação de um diário de aprendizagem conforme descrito nos exemplos de boa prática deste capítulo (D.2).

Desenho de um participante num curso-teste para uma sessão de avaliação



Ser um exemplo inspirador

Muitas vezes, os agentes de ECG têm uma perceção deles próprios como não sendo perfeitos, o que os faz sentir impotentes face aos desafios globais ou assoberbados no seu papel de educadores. Acreditamos que o papel de um facilitador de ECG devia ser o de **agir como um exemplo inspirador**, o que significa fazer o que estiver ao seu alcance para um mundo mais justo, pacífico e amigo do ambiente, e considerar cada qual como um aprendiz (contínuo) e um ser humano fiável, em vez de uma pessoa com todas as respostas (ver a citação da UNECE acima, D.3). Um ditado popular diz: “O erro é meu amigo”. No nosso contexto, esta mensagem pode ajudar os formadores e participantes a serem brandos com eles próprios, a lidarem com os seus recursos pessoais de uma forma sustentável e a evitarem aspirações excessivas quanto à sua conduta profissional.

Otimismo crítico

Por vezes, os educadores do ramo da ECG também exprimem o seu descontentamento quanto ao facto de o impacto do seu trabalho em termos de “mudar o mundo para um lugar melhor”, que é, afinal, o principal objetivo da ECG, não poder ser medido, nem avaliado. Nem sempre veem os frutos das suas ações de ECG ou acreditam que o seu impacto é demasiado pequeno para deixar uma marca no nosso mundo tão cheio de problemas. Outras vezes, sentem-se frustrados porque não conseguem ser tão perfeitos quanto acreditam que deveriam ser para darem um bom exemplo às pessoas

“A construção de relações positivas entre educadores e formandos é essencial. Ela exige que os educadores se apresentem como seres humanos falíveis em vez de pessoas com todas as respostas.”²

Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa

com quem trabalham. Os formadores são obrigados a gerir estes sentimentos e a ajudar os (futuros) facilitadores a explorarem de que modo o seu compromisso com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável se reflete na sua conduta social e política, e a relacionarem esta questão com o seu papel de facilitadores. Eles deveriam tentar fomentar nos facilitadores uma **atitude de otimismo crítico e resiliência** quanto ao impacto do seu trabalho educativo, mesmo que os frutos desse trabalho possam não ser sempre imediatamente visíveis no tempo despendido com os seus participantes.

- 🌀 Quais são os seus próprios valores e atitudes no contexto do desenvolvimento sustentável e da ECG?
- 🌀 Quais são os seus princípios de transmissão de valores e atitudes?
- 🌀 De que modo pode apoiar os participantes, evitando que se sintam sobrecarregados?

² Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa (ed.): Learning for the Future. Competences in Education for Sustainable Development (2012), p.17. www.unece.org/fileadmin/DAM/env/esd/ESD_Publications/Competences_Publication.pdf

Aprender a ser – Exemplos de boa prática



Como se tornar num facilitador de Educação para a Cidadania Global?

Uma das necessidades de aprendizagem dos nossos participantes era descobrir quem são e do que necessitam para se tornarem facilitadores de ECG competentes. No nosso curso de formação, dispusemos de mais tempo para explorar esta questão, abordando-a através de quatro temas interligados.

Todos os quatro temas e métodos utilizados contribuíram para o objetivo de melhoria e desenvolvimento de competências (aquisição de conhecimento, aptidões e atitudes) associado ao papel (futuro) dos nossos participantes como facilitadores de ECG:

- 1. Competências individuais de Educação para a Cidadania Global – Exercício do espelho:** foi pedido aos participantes que criassem individualmente o seu “espelho de competência”, identificassem competências de ECG no seu contexto pessoal e trocassem os seus conhecimentos a respeito deste tema (ver a p. 74).
- 2. Princípios de escuta ativa – Escuta ativa num café:** sem dizerem as palavras “sim” e “não”, foi pedido aos participantes que formassem pares, debatesses questões relacionadas com a comunicação e escuta ativa e encontrassem princípios para a escuta ativa e para a comunicação. No final, os princípios foram apresentados e refletidos com todo o grupo.
- 3. Trabalho de equipa – O autocarro:** neste exercício, os formandos exploraram princípios e estágios da criação de uma equipa e refletiram no modo

como poderiam utilizar aspetos do “trabalho de equipa” enquanto facilitadores de ECG, através da dramatização (ver p. 78).

- 4. Valores e ética nas atividades de Educação para a Cidadania Global – Cadeia de consequências:** Após uma apresentação em PowerPoint sobre a questão em análise, introduzimos este exercício extremamente poderoso. Através de trabalho de grupo, de debate e das conclusões finais, os participantes tiveram oportunidade de refletir sobre os valores e ética da ECG, quer a nível pessoal, quer a um nível mais “universal” (ver p. 63).

Embora alguns dos participantes já tivessem alguma experiência prática de ECG, para a maioria deles, o curso de formação foi a primeira vez em que tiveram oportunidade de autorrefletir de uma forma estruturada e de explorar as suas mais-valias, o que necessitam melhorar, os desafios e as barreiras existentes e também o que os seus (futuros) grupos de formandos querem que eles sejam enquanto potenciais profissionais da área da ECG. Especialmente, a combinação de diferentes aspetos/temas, exercícios e métodos, foi muito bem recebida, uma vez que os formandos tiveram a sensação de que isso lhes forneceu uma base muito importante e necessária para fundamentar a sua futura prática de ECG. Também apreciaram o feedback construtivo de outros participantes e dos formadores, já que os ajudou a desenvolver as suas aptidões de pensamento crítico.

(Roménia)

Diário de aprendizagem

A nossa intenção ao introduzirmos um diário de aprendizagem era: em primeiro lugar, pretendíamos fornecer aos formandos uma ferramenta para análise e reflexão (crítica) dos conhecimentos adquiridos nos módulos e nos posteriores elementos do curso ao nível individual. Em segundo lugar, nós, enquanto formadores, queríamos beneficiar do diário de aprendizagem ao obtermos uma visão da perspetiva pessoal de cada participante sobre aspetos do curso-teste, bem como do seu desenvolvimento pessoal ao longo do curso. Foi fornecido aos formandos um conjunto de questões para reflexão após cada módulo e foi-lhes pedido que completassem os seus diários em aprox. 10 dias após cada módulo. Destacámos um conjunto de questões básicas que podiam ser ligeiramente modificadas para cada módulo e complementadas com elementos específicos do curso (exercício, projetos em pequena escala, etc.).

Os diários de aprendizagem completos foram comentados individualmente por um membro da equipa de formadores antes do início do módulo seguinte.

O feedback sobre este método de reflexão individual continua foi variado, desde participantes que o consideraram muito útil para o seu desenvolvimento pessoal e que valorizaram os comentários individuais da equipa, aos que o consideraram desafiante e moroso para refletir em profundidade e de forma muito pessoal acerca de certos aspetos do curso.

Para nós, formadores, tornou-se claro que valeu a pena encorajar os participantes a ultrapassarem eventuais resistências internas e a assumirem o desafio de se empenharem na reflexão. A nossa impressão geral foi que o diário de aprendizagem é uma ferramenta poderosa no contexto da aprendizagem sustentável por permitir aos formadores “manterem-se sintonizados” com os formandos e obterem informações detalhadas que podem, mais tarde, incorporar no seu planeamento contínuo do curso. No entanto, também compreendemos que possivelmente assoberbámos alguns participantes com a exaustividade do diário de aprendizagem, algo que emendámos para utilização posterior (ver p. 73).

(Alemanha)



Fotos do passado

Utilizámos esta técnica para incentivar o pensamento crítico, a autorreflexão e a abertura de espírito. Começando com um exercício individual de análise fotográfica, em silêncio, cada participante foi convidado a observar uma foto escolhida e a refletir sobre a mesma com os “óculos” de cidadão global. Num segundo passo, foi pedido aos participantes que dissessem o que viam na foto e, posteriormente, que analisassem o que pensavam estar

a ver, i.e., a sua interpretação. De seguida, formaram pequenos grupos para partilharem os seus pensamentos e ideias acerca das dificuldades e dos desafios enfrentados e acerca do que encontraram em comum entre a observação e a interpretação.

(Portugal)



Aprender a viver em conjunto

Refletirmos sobre os nossos valores, atitudes e condutas pessoais e termos noção da parcialidade do nosso conhecimento são aspetos da tomada de consciência da nossa identidade. Outra forma de explorarmos quem somos é observar a forma como interagimos com os outros. Assim, na formação, existe uma estreita ligação entre as experiências de aprendizagem na área do “aprender a ser” e as experiências com um foco em “aprender a viver em conjunto”. No entanto, “viver em conjunto” envolve olhar para o contexto mais amplo que modela as nossas interações.

Diálogo e entendimento

A solidariedade global e o entendimento mútuo são a essência da Educação para a Cidadania Global. Estes termos saltam-nos dos lábios com muita facilidade, mas, muitas vezes, passá-los à prática e agir com base neles parece ser uma tarefa muito mais árdua em virtude de diferenças aparentemente difíceis de ultrapassar. Neste contexto, observar, nos nossos ambientes, o **modo como interagimos e os outros interagem entre si**, também nos pode ensinar como as pessoas e os grupos de pessoas se relacionam em contextos mais alargados. Quanto a esta questão, é importante refletir sobre o modo como as relações são moldadas por condições históricas e socioculturais subjacentes que vão além da esfera individual e como as estruturas existentes de desigualdade, estereótipos e preconceitos enraizados podem influenciar a nossa relação com os

“O objetivo principal [do diálogo] é permitir a cada um obter uma nova visão da realidade. Um encontro dialógico deste tipo permite a cada um de nós ver-se a si próprio, ver os outros e o mundo, bem como a nossa perceção dele, de uma nova perspetiva, enriquecida através dos olhos dos outros.”¹

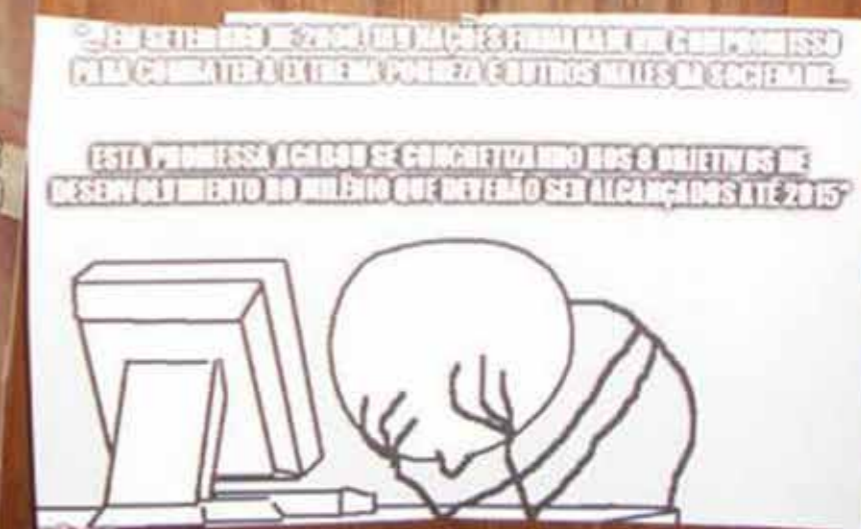
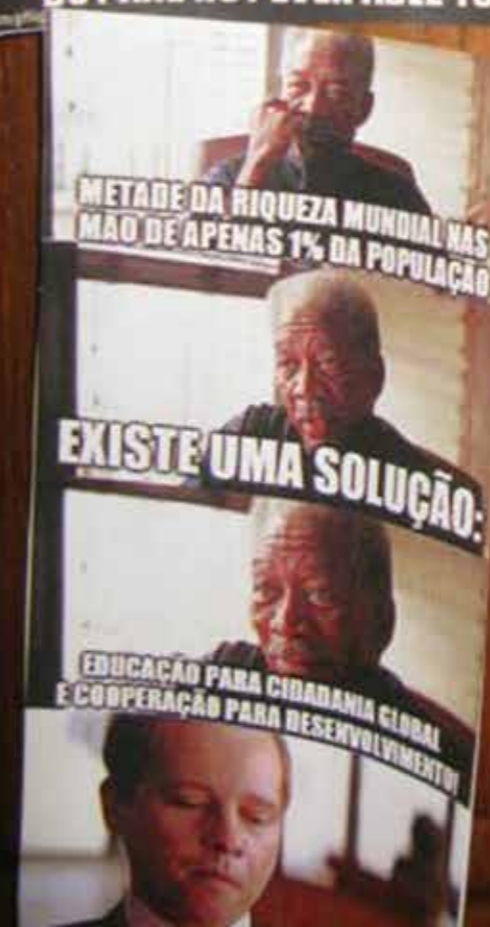
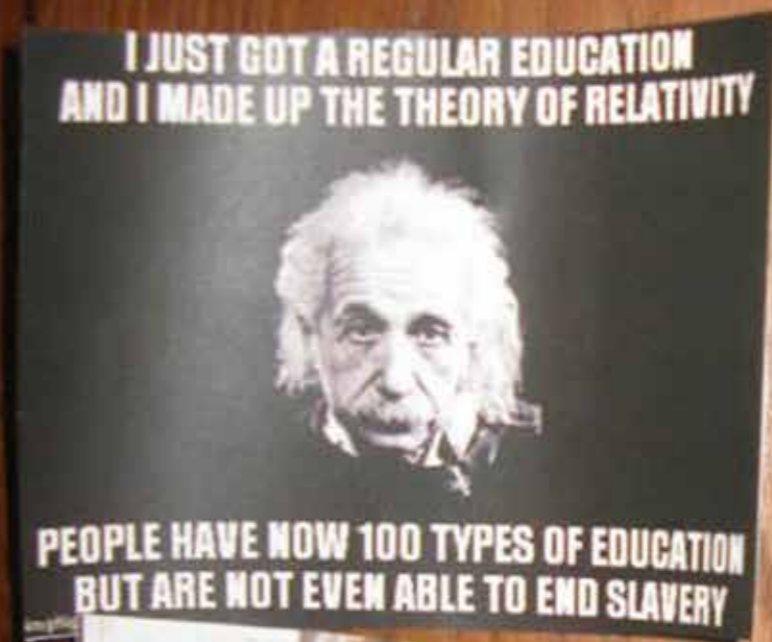
Metodologia OSDE

outros. Uma abordagem reflexiva a estas questões também ajuda um facilitador a desafiá-las na sua prática educativa (modelo de competência E.2).

A cooperação, a comunicação e o diálogo podem ser objeto de reflexão nas formações, ao permitir uma mudança de perspetiva, fomentando-se a empatia e criando-se **espaços para uma mudança significativa e profunda**. Estes são espaços em que as pessoas podem ouvir, questionar, explorar a parcialidade dos seus conhecimentos, mudar de ideias e discordar umas das outras sem conflitos (E.3), em que as reações emocionais são possíveis e podem ser superadas de modo a permitir que ocorram processos transformadores genuínos. Estes processos de empenho crítico podem ser, por vezes, entusiasmantes e catalizadores e, por outras, difíceis e irritantes. Para que as experiências de aprendizagem deem frutos, é crucial o esforço para se encontrar uma base comum que abrace e celebre a diversidade (E.1), mas que também seja suficientemente profunda para perdurar e ultrapassar situações perturbadoras e inquietantes.

Memes da Educação para a Cidadania Global

¹ CSSGJ (et. al.) (eds.): OSDE. Definition of Key Terms. www.osdemethodology.org.uk/groundrules.html



Conforme mencionado anteriormente (ver os capítulos 3.0 e 3.4), a **Metodologia OSDE (Espaços Abertos para Diálogo e Questionamento)** oferece um conjunto de regras fundamentais que fornece uma base para essa troca de ideias e que enriqueceu o nosso projeto e a nossa prática de formação. Estes princípios afirmam que todo o conhecimento que os formandos possuem é construído nos seus próprios contextos e, portanto, é parcial. Para “vermos/imaginarmos” para além desta parcialidade, é necessário compreendermos “de onde vêm as perspetivas e para onde se dirigem”, numa tentativa de “alargarmos e aguçarmos a nossa visão” sem silenciarmos ou deslegitimarmos as perspetivas dos outros.²

Consideramos um aspeto-chave das formações em ECG o facto de esta cultura

de diálogo e entendimento estar na base do conteúdo e da estrutura de toda a atividade pedagógica, nomeadamente por se encontrar estreitamente ligada a questões globais no contexto da visão de um futuro pacífico e justo. Algumas formas de abordagem a aspetos relacionados com “viver em conjunto” podiam ser, por exemplo, observar e tentar encontrar soluções para situações difíceis vividas pelos participantes durante a respetiva prática de ECG sobre a interação entre os formandos. Adicionalmente, um debate/uma atividade poderia versar sobre o modo como somos influenciados por imagens (estereotipadas) e como as utilizamos na ECG ou como refletir sobre os métodos utilizados durante a formação, prestando uma atenção especial às competências de “aprender a viver em conjunto”.

Abordagem visual às questões globais



Papel do facilitador

É importante que, durante a formação, os formandos tomem consciência do modo como comunicam e cooperam com os outros e de como as suas visões do mundo podem ser questionadas, enriquecidas e ampliadas através do diálogo (E.3). Assim, é crucial preparar os facilitadores para envolverem diferentes grupos num diálogo significativo e respeitoso e facilitarem processos comunicativos e cooperativos na sua prática educativa, o que os ajudará a compreender e a apreciar visões do mundo e enquadramentos alternativos. Nestes processos de aprendizagem, **os facilitadores têm de ter consciência do seu papel predominante** relativamente aos formandos, devendo esforçar-se para utilizar abordagens e métodos que ajudem a fomentar a cooperação e a comunicação entre os formandos, em vez de salientarem o poder do facilitador (E.4).

A este respeito, todas as áreas mencionadas no modelo de competência (p. 22/23) entram em ação para a facilitação de processos da Educação para a Cidadania Global: a forma como o conhecimento é gerido, como a aprendizagem e a troca ocorrem, como os processos de aprendizagem estão estruturados e como o facilitador preenche o seu papel, todos fluem para as experiências de aprendizagem cuja essência é a estimulação de processos transformadores.

Criação de sinergias significativas

Durante a formação, para preparar os facilitadores de Educação para a Cidadania Global para o lado prático do seu trabalho, convém ter em conta as redes a que se está ligado.

“Os aspetos mais positivos foram a atmosfera bastante aberta e fiável e a interação atenta e respeitosa do grupo. Fiquei realmente com a impressão de que todos estavam a fazer um esforço para se ouvirem uns aos outros.”

Participante no curso de formação alemão

Os participantes nos cursos de formação podem ser convidados a refletir acerca do seguinte contexto:

De que redes já fazemos parte? Que redes desejamos desenvolver? Quais são as nossas relações com as diferentes partes interessadas quer como indivíduos, quer num contexto organizacional?

A **criação e adoção de sinergias** pode ajudar a desenvolver competências como facilitador (no sentido de *coaching* pelos pares ou receção de conselhos do grupo) e também conduzir à aquisição de trabalho (ex. projetos) em termos de recursos humanos, logísticos e/ou financeiros. Tal como diz o ditado: o todo é sempre melhor que a soma das partes!

- 🌀 Quais são os aspetos importantes da criação de uma base para comunicação e cooperação para as suas formações?
- 🌀 Refletindo no seu papel de formador, como descreveria uma relação ideal entre formadores e participantes (quanto às relações de poder, gestão do conhecimento, etc.)?
- 🌀 Como pode incentivar os participantes a criarem e utilizarem sinergias na prática de ECG por eles exercida?

² CSSGJ (et. al.) (eds.): OSDE Information Booklet, p. 1/4. www.osdemethodology.org.uk/keydocs/osdebooklet.pdf

Aprender a viver em conjunto – Exemplos de boa prática



Princípios de comunicação e cooperação

No início do curso-teste (Módulo I), o grupo de participantes desenvolveu “o seu” conjunto de princípios de comunicação e cooperação. Para tal, estabelecemos as regras de base para a criação de Espaços Abertos para Diálogo e Questionamento sobre questões e perspetivas globais fornecidas pela Metodologia OSDE, ligando, assim, as já existentes teoria e prática de Educação para a Cidadania Global aos contextos imediatos dos formandos e ao seu conhecimento individual e coletivo¹.

Utilizando a técnica Pensar-Formar Pares-Partilhar (ver p. 81), pedimos aos participantes do curso que anotassem aspetos que considerassem importantes e desejáveis para assegurar processos bem-sucedidos e significativos de comunicação e cooperação no seio do grupo. Antes da fase “partilhar”, introduzimos as regras de base de OSDE e pedimos aos participantes que agrupassem as suas ideias, deixando espaço para pensamentos posteriores.

Tanto as ideias dos formandos como as regras de base de OSDE, foram debatidas e parcialmente modificadas por todo o grupo, deixando este conjunto de princípios visível para os participantes durante o módulo.

O resultado deste processo foi visualizado num diagrama apresentado no início do módulo seguinte. Durante cada um desses módulos, o diagrama foi apresentado como um lembrete num local visível por todos os participantes.

Esta prática de reflexão e definição de uma base para a comunicação entre todos ajudou a assegurar que começámos da melhor forma, uma vez que permitiu uma troca de ideias aberta, significativa e crítica, enquanto, ao mesmo tempo, promoveu uma atitude de reconhecimento e respeito entre os membros do nosso tão heterogéneo grupo de participantes. Também criou uma oportunidade contínua de se tornarem conscientes e levantarem questões acerca da cooperação, da comunicação e da gestão da diversidade, nomeadamente na prática dos (futuros) facilitadores de ECG.

(Alemanha)

¹ Para este exercício, utilizámos uma versão das regras de base destinadas ao ensino superior/adultos/professores mencionado no OSDE Information Booklet. -> www.osdemethodology.org.uk/groundrules.html:

1. Que todos os indivíduos tragam para o espaço um conhecimento válido e legítimo construído nos seus próprios contextos (...)
2. Que todo o conhecimento é parcial e incompleto (...)
3. Que todo o conhecimento pode ser questionado (...)



Construir uma casa

Os participantes foram divididos em 2 grupos e foi-lhes pedido que construíssem uma casa com muito poucos materiais e num período de tempo muito curto. Em cada grupo, havia uma pessoa com os olhos vendados, outra com as mãos atadas e a terceira incapacitada de falar (muda). Foi interessante refletir na capacidade de cada um se integrar e cooperar com o grupo e, em seguida, transferir essa análise para o que um facilitador da Educação para a Cidadania Global deve ser e para a forma como deve agir. Este exercício melhorou o trabalho em equipa e a cooperação entre todos os membros do grupo. Ajudou a aumentar a consciencialização acerca do desafio de gerir opiniões e estilos de trabalho diferentes e de lidar com o conflito (ver p. 62).

(Portugal)



Respeito pela diversidade – O comboio europeu

Utilizámos o exercício “O comboio europeu” para abordarmos questões relacionadas com o preconceito e os limites da tolerância, bem como imagens e estereótipos sobre diferentes minorias. O objetivo deste exercício foi questionar os próprios estereótipos e preconceitos dos participantes sobre outros povos e minorias e sobre as imagens e associações reproduzidas e influenciadas, por ex., pelos principais meios de comunicação.

O exercício deu aos participantes a oportunidade de refletirem nas diferenças entre “observação racional” e pressupostos, preconceitos e estereótipos. Os participantes apreciaram o exercício porque experienciaram o desafio de chegar a um consenso como um grupo na situação específica e refletir nas razões para tal. Também utilizámos o exercício para debater mais profundamente como evitar os preconceitos e estereótipos na prática da Educação para a Cidadania Global (ver p. 79).

(Roménia)

Aprender a saber

Métodos selecionados dos Cursos-teste

Aprender a ser

Aprender a viver em conjunto

Aprender a fazer

Aprender a aprender

CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DE MÉTODOS

As sugestões seguintes podem ajudá-lo a refletir nos critérios para a seleção de métodos, técnicas e atividades de aprendizagem utilizados em ações de Educação para a Cidadania Global:

Notas gerais

- » Os métodos não são utilizados como um fim em si mesmo, mas servindo sempre como meio de transmissão de um conteúdo específico.
- » Os facilitadores devem selecionar e utilizar métodos com que se sintam confortáveis.
- » É importante saber e considerar as condições gerais da ação (espaço, tempo, recursos, etc.).
- » É útil ter sempre opções alternativas de reserva (“Plano B”).
- » O emprego de vários métodos origina processos de aprendizagem dinâmicos e sustentáveis.
- » Os métodos utilizados devem ser avaliados.

Critérios para a seleção de métodos relativos aos **participantes**: Métodos que ...

- tenham em consideração a **idade** do participante.
- tenham noção das **expetativas** (desejos) do participante.
- reconheçam os **métodos preferenciais** dos participantes.
- sejam adequados ao **tamanho** do grupo.
- considerem os **antecedentes socioculturais** dos participantes.
- respondam às **necessidades de aprendizagem** (reconhecidas) dos participantes.
- tenham em consideração se o grupo é mais **heterogéno ou mais homogéneo**.
- reconheçam o **conhecimento e a experiência** pré-existentes dos participantes, bem como os seus **valores**.
- tenham em atenção se os participantes irão trabalhar em conjunto neste grupo pela primeira vez ou se já **trabalharam nele anteriormente**.

...

Critérios para a seleção de métodos relativos ao **tópico/conteúdo pedagógico**: Métodos que ...

- ajudem a **reduzir pedagogicamente a complexidade/heterogeneidade** das questões e se foquem nos elementos selecionados.
- apresentem matérias abstratas de uma forma clara e concreta.
- utilizem **dados e factos atualizados**.
- ajudem/incentivem os participantes a explorarem interconexões.
- permitam que os participantes lidem com o conteúdo de forma **criativa** (visualização, dramatização, etc.).
- permitam a **inclusão e a abordagem de perspetivas e pontos de vista diferentes**.
- explorem e adotem a reflexão nos valores, atitudes e relações de poder subjacentes.

...

Critérios para a seleção de métodos relativos aos **objetivos**: Métodos que ...

- suscitem a **curiosidade** nos participantes e os **motivem**.
- permitam e facilitem processos de **Aprendizagem Auto-organizada e Aprendizagem Cooperativa**.
- estimulem a **(auto)reflexão crítica**.
- sejam **orientados para a ação e inspirem os participantes a agir** no sentido de um mundo mais justo, pacífico e sustentável.
- permitam a tomada de posição sobre uma perspetiva e proporcionem uma **abordagem multiperspetiva**.
- abracem e celebrem a **diversidade**.
- capacitem** os participantes.

...

A lista que se segue fornece-lhe um panorama dos métodos descritos nas páginas seguintes¹:

Método selecionado	Objetivos	Número da página
1 Construir uma casa	<ul style="list-style-type: none"> » Aprender a lidar com o conflito e a gestão de tempo » Aprender a lidar com opiniões/estilos de trabalho diferentes 	62
2 Cadeia de consequências	<ul style="list-style-type: none"> » Explorar a importância dos Direitos Humanos e viver os valores da colaboração » Refletir na diversidade, na justiça, na inclusão, na responsabilidade e na aceitação 	63
3 Avaliação em circuito	<ul style="list-style-type: none"> » Beneficiar pessoalmente das diferentes formas de obter feedback 	64
4 Educação para...	<ul style="list-style-type: none"> » Conhecer os conceitos de Educação para a Cidadania Global e a ligação destes com outros conceitos semelhantes, sendo capaz de refletir criticamente acerca dos mesmos. 	65
5 Laboratório da Educação para a Cidadania Global	<ul style="list-style-type: none"> » Planear uma ação de ECG » Utilizar a aprendizagem entre pares » Estimular a reflexão crítica 	67
6 Trabalho de casa: Utilização de ferramentas de TIC	<ul style="list-style-type: none"> » Utilizar Ferramentas de TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) » Explorar a aprendizagem entre pares » Consolidar o processo de aprendizagem 	69

Método selecionado	Objetivos	Número da página
7 Puzzle das necessidades humanas	<ul style="list-style-type: none"> » Introduzir e refletir sobre a problemática dos Direitos Humanos » Refletir criticamente acerca do papel dos Direitos Humanos nos processos de globalização e vice-versa 	70
8 Diário de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> » Refletir sobre os processos de aprendizagem » Analisar e comentar os elementos do módulo/course individual/etc. » Obter uma noção da perspetiva individual dos participantes relativa ao curso 	73
9 Exercício do espelho: facilitador da Educação para a Cidadania Global	<ul style="list-style-type: none"> » Desenvolver competências (conhecimento, aptidões e atitudes) enquanto facilitador da Educação para a Cidadania Global 	74
10 O autocarro	<ul style="list-style-type: none"> » Compreender os princípios e fases da criação de uma equipa » Explorar a relevância do trabalho de equipa para facilitadores da Educação para a Cidadania Global 	78
11 O comboio europeu	<ul style="list-style-type: none"> » Refletir criticamente nos estereótipos e preconceitos » Tomar consciência das, e fomentar as, competências necessárias para lidar com a diversidade 	79
12 Pensar - Formar Pares - Partilhar Método de Aprendizagem Cooperativa	<ul style="list-style-type: none"> » Partilhar (os primeiros) pensamentos/conhecimentos acerca de um tópico específico » Estimular a reflexão crítica 	81

¹ Os métodos que aplicámos e adaptámos aos nossos cursos de formação foram inspirados em muitos recursos já existentes derivados de vários contextos.

DESCRIÇÕES DOS MÉTODOS

1 - CONSTRUIR UMA CASA	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a lidar com o conflito e a gestão do tempo • Aprender a lidar com opiniões/estilos de trabalho diferentes
Duração	90 minutos
Equipamento	Flipchart, folhas, marcadores, autocolantes, canetas, post-its, jornais antigos, caixa de cartão, tesoura, adesivo, elásticos, corda, pedaços de pano, lenços, vendas, mesas
Técnicas	Conversação, cooperação
Fase da ação de ECG	Introdução à conceção e ao planeamento do projeto
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a viver em conjunto, aprender a fazer, aprender a ser

- Os participantes dividem-se em dois grupos iguais. Cada grupo escolhe um porta-voz (o representante do grupo que também será responsável pela recolha dos materiais) e três voluntários: um fica com os olhos vendados, outro fica com as mãos atadas e o terceiro é impedido de falar.
- É colocada uma mesa no meio da sala, apresentando os materiais que os participantes podem utilizar para construir a casa (ex. marcadores, autocolantes, canetas, post-its, jornais antigos, caixa de cartão, tesoura, adesivo, elásticos, corda, pedaços de pano, lenços e vendas). É concedido um minuto a cada grupo para falar acerca dos materiais que pretende recolher da mesa. No entanto, o acesso à mesa é limitado, dispondo cada grupo de apenas 30 segundos para recolher todo o material necessário.
- Após a fase de recolha, têm 15 minutos para construir a casa.
- Debate com todo o grupo:
 - Como correu o trabalho?
 - Qual foi a sensação de serem impedidos de falar?
 - Como foram os participantes “silenciados” integrados pelo grupo (ou não foram)?
 - Que restrições foram sentidas no acesso aos materiais?
 - Quais foram as dificuldades ao trabalhar com ideias, abordagens e métodos diferentes?

- Como podemos ligar esta dinâmica de “construir uma casa” (e o que se conseguiu fazer na sessão) à nossa própria realidade (de trabalho, de organização,...)?

→ Esta sessão pode ser seguida de uma sessão que introduza os diferentes elementos do planeamento, implementação e avaliação de um projeto/uma ação de ECG.

(ver o capítulo 3.5, p. 57)

2 - CADEIA DE CONSEQUÊNCIAS	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar a importância dos Direitos Humanos e de vivenciar os valores da colaboração • Refletir sobre a diversidade, a justiça, a inclusão, a responsabilidade e a aceitação
Duração	90 minutos
Equipamento	Flipchart, folhas, marcadores
Técnicas	Discussão em grupo, escrita, partilha
Fase da ação de ECG	Introdução de um tópico, reflexão
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a ser

- Para estimular um debate sobre valores e ética em matérias relevantes à Educação para a Cidadania Global, o facilitador começa com um excerto retirado do estudo de John Rawls “A Theory of Justice” (“Uma Teoria de Justiça”);

*“As desigualdades económicas e sociais devem satisfazer duas condições. Primeiro, têm de ser associadas a escritórios e cargos abertos a todos em condições de justa igualdade de oportunidades; segundo, devem destinar-se ao benefício supremo dos membros mais desfavorecidos da sociedade.”*¹
- O grupo é dividido em pequenos grupos (dependendo do número de participantes).

A cada grupo, é pedido que identifique uma cadeia de consequências para situações diferentes, por ex.: atirar uma garrafa de plástico a um rio, a inação de um grupo perante um ato de violência; a subida de um partido de extrema-direita ao poder, etc. Os participantes são incentivados a identificar o máximo número de consequências possível das ações ou dos projetos em questão.

→ Esta atividade pode ajudar os participantes a refletirem sobre o seu próprio comportamento e a sua mentalidade e, possivelmente, a alterarem a sua perspetiva na própria vida e nas ações pessoais. Além disso, serve de demonstração de como uma consequência pode levar a outra, resultando, por vezes, em reações em cadeia, mas também que certas consequências surgem intencionalmente e outras não.

(ver o capítulo 3.4, p. 50)

¹ Rawls, John: A Theory of Justice. Harvard University Press (2005).

3 - AVALIAÇÃO EM CIRCUITO

Objetivos	• Obter <i>feedback</i> dos participantes com vista à avaliação do curso
Duração	Depende do método utilizado (5-15 mins. por posto)
Equipamento	Molas de roupa, estendal, canetas, lápis de cores, lápis de cera, postais simples, cartazes, pioneses, quadros de cortiça, caixa do correio
Preparação	Preparar todos os postos com antecedência (mesas, cartazes, matriz, quadros de cortiça)
Técnicas	Escrita, desenho
Fase da ação de ECG	Avaliação
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a fazer

1 São montados os postos, cada qual com uma atividade de avaliação diferente.

2 Os participantes circulam livremente e completam as tarefas em cada posto dentro do seu próprio tempo.

Atividade 1 - Postais: “Escreva um postal sobre a sua viagem à terra da Educação para a Cidadania Global. → Onde estive antes da viagem e onde está agora?” Os participantes podem ilustrar ou decorar os seus postais e endereçá-los a alguém. Os postais são pendurados num estendal (10-15 minutos).

Atividade 2 - Matriz: O facilitador cria uma matriz com perguntas, pedindo a avaliação dos participantes acerca das diferentes partes do curso de formação/*workshop*, por ex.: conteúdo/temas, utilização de ferramentas de TIC, apoio dado pelos formadores, etc. Podem votar de 0 (Não concordo/não é útil/etc.) a 4 (Concordo plenamente/muito útil/etc.) (10 minutos).

Atividade 3 – Escrita livre: Questões abertas em cartazes, por ex., o menos importante para mim durante o curso/o mais importante para mim durante o curso/o que eu gostaria de sugerir para o próximo curso (um aspeto por cartaz),... Os participantes são convidados a comentar os cartazes livremente e de acordo com as suas necessidades. (10 minutos).

Atividade 4 – Parede de grafitis: Um cartaz em que os participantes podem anotar o *feedback* que quiserem, de acordo com as suas necessidades. Se alguém não quiser escrever o seu *feedback* em público, é facultada uma caixa de correio para o *feedback* privado. A parede de grafitis destina-se a fornecer espaço para os aspetos da avaliação que não possam ser abrangidos por nenhuma das outras atividades (5 minutos).

Atividade 5 – Teia de aranha: um cartaz com uma teia de aranha em forma de pentágono mostrando uma área de competência em cada canto (i.e., aprender

a saber, aprender a fazer, aprender a aprender, aprender a ser e aprender a cooperar), cujo centro significa “tiro em cheio” e as margens exteriores uma classificação inferior. Os participantes obtêm pontos para as classificações em cada área e juntam os pontos com uma linha, criando um diagrama em forma de teia de aranha (5 minutos).

→ A avaliação do circuito é um conjunto de métodos de avaliação que podem ser utilizados para uma avaliação global exaustiva de um curso de formação. Cada atividade também pode ser utilizada individualmente, por ex. para ações ou projetos de mais curta duração.

(ver o capítulo 3.3, p. 42)

4 - EDUCAÇÃO PARA...

Objetivos	• Conhecer e refletir criticamente sobre os conceitos de Educação para a Cidadania Global e a respetiva ligação a outros conceitos semelhantes
Duração	90 minutos
Equipamento	Papel, fita adesiva
Preparação	Imprimir definições (ver em baixo), cada qual numa folha de papel, sem as identificar e pendurando-as na parede.
Técnicas	Debate
Fase da ação de ECG	Introdução à Educação para a Cidadania Global
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a saber, aprender a aprender

1 Os participantes deslocam-se em redor e leem as definições das diferentes abordagens educativas que foram penduradas nas paredes da sala. As definições não podem conter palavras que identifiquem explicitamente a abordagem educativa que está a ser definida.

2 Após terem lido as definições, é pedido aos participantes que parem junto daquela que pensam estar mais ligada ao conceito de ECG. Após ouvir as opiniões, confirme ou peça a resposta correta.

3 O grupo tenta descobrir a que “Educação para...” se referem as outras frases.

4 O facilitador aborda as semelhanças entre Aprendizagem Global, Educação Global, Educação para o Desenvolvimento e Educação para a Cidadania Global, bem como o facto de existirem múltiplos conceitos para abordagens educativas muito semelhantes (semelhanças e diferenças). Também explica que determinados conceitos são mais utilizados em certos países do que noutros (ex. a Aprendizagem Global é mais comum na Alemanha, enquanto

que a Educação para o Desenvolvimento e a ECG são mais comuns em Portugal)¹.

“Embora as diferentes educações possam ter as suas histórias e interesses particulares diferentes, elas têm muito em comum – em particular, no objetivo mais alargado dos seus espectros. Para além de uma perspetiva global, de pedagogias e interesses na transformação que são comuns, também existem várias questões de conteúdo coincidentes e estreitamente relacionadas.”¹

5 Após a reflexão deste grupo, pergunte se os participantes alterariam/acrescentariam algo ao conceito da ECG. Em caso afirmativo, convide o grupo a desenvolver e a anotar um novo conceito.

➔ Forneça uma bibliografia e conclua a atividade com uma sinopse dos temas abrangidos.

(ver o capítulo 3.1, p. 33)

Educação para... – Definições

“(...) fornece a todos os formandos conhecimentos, atitudes e aptidões culturais que lhes permitem contribuir para o respeito, a compreensão e a solidariedade entre indivíduos, grupos étnicos, sociais, culturais e religiosos e nações” (UNESCO) – acerca da Educação Intercultural.

“(...) o processo de promover o conhecimento, as aptidões e os valores necessários para implementar alterações comportamentais que permitirão às crianças, aos jovens e aos adultos impedir o conflito e a violência, tanto públicos, como estruturais” (UNICEF) – acerca da Educação para a Paz.

“(...) munir as pessoas de conhecimentos e aptidões em (...), tornando-as mais competentes e confiantes e aumentando, ao mesmo tempo, as suas oportunidades de terem estilos de vida saudáveis e produtivos em harmonia com a natureza e preocupados com os valores sociais, a igualdade de género e a diversidade cultural” (UNECE) – acerca da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

“(...) começa por aumentar a consciencialização para os desafios globais, tais como a pobreza ou as desigualdades causadas por uma distribuição de recursos desequilibrada, pela degradação ambiental, por conflitos violentos ou por questões afetas aos direitos humanos, criando, assim, uma maior compreensão da complexidade das causas subjacentes. Tem como objetivo alterar as atitudes das pessoas levando-as a refletir sobre o seu próprio papel no mundo.” (Rede de Educação Global de Jovens Europeus) – acerca da Educação Global.

“(...) promove valores, crenças e atitudes que incentivam todos os indivíduos a defenderem os seus direitos e os dos outros. Desenvolve uma perceção da responsabilidade comum de cada um (...)” – acerca da Educação para os Direitos Humanos.

“(...) prepara os formandos de todas as idades para os valores, conhecimento e aptidões que se baseiam no respeito pelos direitos humanos, justiça social, diversidade, igualdade de género e sustentabilidade ambiental, capacitando-os para se tornarem

cidadãos globais responsáveis”. (UNESCO) – acerca da Educação para a Cidadania Global.

“(...) é um processo educativo destinado a aumentar a consciencialização e a compreensão do mundo em rápida mudança, interdependente e desigual em que vivemos. Procura envolver as pessoas na análise, na reflexão e na ação para a cidadania e participação local e global. Trata-se de ajudar as pessoas a compreenderem e a agirem no sentido da transformação das estruturas sociais, culturais, políticas e económicas que afetam as suas vidas e as vidas dos outros ao nível pessoal, comunitário, nacional e internacional” (Cooperação para o Desenvolvimento Irlanda) – acerca da Educação para o Desenvolvimento.

“(...) é uma análise crítica e um compromisso ao nível dos sistemas e legados globais, complexos e interdependentes (tais como sistemas naturais, físicos, sociais, culturais, económicos e políticos) e das suas implicações nas vidas das pessoas e na sustentabilidade da terra” (Association of American Colleges and Universities) – acerca da Aprendizagem Global.

5 - LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Planear um projeto ou ação de ECG • Utilizar a aprendizagem entre pares • Estimular a reflexão crítica
Duração	Aprox. três sessões de 180 minutos cada (idealmente distribuídas por módulos diferentes de um curso de formação). (Para o curso de formação na Roménia, as sessões 1, 2 e 3 foram realizadas durante os módulos II, III e IV, respetivamente).
Equipamento	Flipchart, folhas, marcadores, papel A4, canetas
Técnicas	Apresentação, debate, reflexão, avaliação
Fase da ação de ECG	Trabalho colaborativo em grupos para conceção de ações de ECG (ex. Projetos em pequena escala)
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a fazer, aprender a aprender

1 **Sessão 1:** Idealmente, os participantes trazem para este exercício uma breve apresentação de um tema de Educação para a Cidadania Global

que pesquisaram (por ex. através de um exercício/trabalho de casa/etc.). Como alternativa, pode ser reservado algum tempo durante a sessão para os

¹ Para saber mais acerca desta questão, pode, por exemplo, consultar: DEEEP (ed.): Monitoring Education for Global Citizenship: a contribution to debate (2015). deeeep.org/wp-content/uploads/2015/01/DEEEP4_QualityImpact_Report_2014_web2.pdf

participantes selecionarem um tópico e prepararem uma breve apresentação sobre o modo como este tópico pode ser relevante para ações de ECG.

Os participantes apresentam o seu tópico numa sessão plenária. As apresentações são seguidas de debates com todo o grupo, durante os quais podem ser feitas perguntas e podem ser partilhadas ideias sobre como desenvolver melhor o tópico para uma ação de ECG específica.

2 Sessão 2: Os participantes são divididos em grupos de acordo com os tópicos das suas apresentações durante a sessão 1 (de forma a que os participantes com tópicos semelhantes fiquem juntos num grupo), ou com base noutros aspetos em comum (ex. os seus grupos-alvo). Do material à sua disposição, e trabalhando com as ideias partilhadas durante a sessão 1, cada grupo opta por um tópico sobre o qual irá desenvolver ideias para uma ação de ECG. Se existir tempo suficiente, cada grupo pode apresentar resumidamente as suas ideias aos restantes elementos do grupo.

Trabalho individual entre as sessões 2 e 3: Cada participante planeia uma ação de ECG sobre um tópico à sua escolha e prepara uma apresentação, bem como uma atividade/parte da ação para partilhar com o grupo.

3 Sessão 3: Cada participante fornece um breve panorama da ação de ECG que planeou, partilhando e debatendo curtas sequências/atividades com o grupo inteiro, explorando as semelhanças e diferenças, bem como os desafios e as possibilidades envolvidos no planeamento de uma ação de ECG, tal como os princípios educativos por trás domesmo (ver os capítulos 3.2 e 3.3).

→ A atividade pode ser mais explorada se for pedido aos participantes que desenvolvam um projeto educativo em pequenos grupos, hipoteticamente com o objetivo de se candidatarem a um financiamento.

→ Estendendo-se por três sessões, esta atividade destina-se a fornecer aos participantes um apoio passo a passo, incluindo apoio aos colegas participantes, à medida que vão desenvolvendo a sua própria ação de Educação para a Cidadania Global.

→ Prepare-se para resolver potenciais conflitos.

→ O processo não deve ser forçado. Certos participantes podem não se sentir confortáveis ou capazes para dar e receber *feedback* construtivo.

(ver o capítulo 3.1, p. 39)

6 - TRABALHO DE CASA: UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS TIC

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar plataformas <i>online</i> • Aprendizagem entre pares • Consolidar o processo de aprendizagem
Equipamento	Computador, ligação à Internet
Técnicas	Pesquisa, escrita
Fase da ação de ECG	Consolidação de conteúdos e informações
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a aprender

1 O formador apresenta as propostas para trabalhos de casa e os respetivos prazos, bem como os períodos do dia e as horas para o *coaching online*.

2 O trabalho de casa deve ser submetido conforme as instruções abaixo, para que o formador possa dar *feedback* antes do módulo seguinte.

• **Proposta para trabalho de casa I:**

Assista à conferência de Ken Robinson em www.youtube.com/watch?v=aQym7WkF5ks. Escreva um texto destacando 5 aspetos da conferência ligados à educação não formal. Partilhe os resultados na plataforma do curso *online*/no grupo ou envie-os por *e-mail*.

• **Proposta para trabalho de casa II:**

Produza um vídeo em www.animoto.com para uma intervenção associada à Educação para a Cidadania Global. Partilhe os resultados na plataforma do curso *online*/no grupo ou envie-os por *e-mail*.

• **Proposta para trabalho de casa III:**

Produza uma banda desenhada na qual identifique diferentes fases, momentos e atividades do seu projeto em pequena escala/de uma ação de ECG que tenha realizado. Pode utilizar as seguintes plataformas *online*: www.stripgenerator.com and www.wittycomics.com. Partilhe os resultados na plataforma do curso *online*/no grupo ou envie-os por *e-mail*.

→ O trabalho de casa é uma oportunidade de aprendizagem e o facilitador estará disponível para esclarecer quaisquer dúvidas. Este apoio deve ser disponibilizado por *e-mail* ou utilizando outras ferramentas *online*.

(ver o capítulo 3.2, p. 38)

7 - PUZZLE DAS NECESSIDADES HUMANAS ¹

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Introduzir e refletir sobre a questão dos Direitos Humanos • Refletir criticamente sobre o papel dos Direitos Humanos nos processos de globalização e também sobre o impacto dos processos de globalização nos Direitos Humanos
Duração	90 minutos
Equipamento	Flipchart, folhas, marcadores, fotos, papel, canetas, tesoura
Preparação	Prepare duas folhas de papel do flipchart, cada uma com oito fotos coladas (uma para cada direito humano escolhido para este método) intercaladas com etiquetas, cada qual designando um dos oito “Direitos Humanos que se encontram em risco face à globalização” ² .
Técnicas	Apresentação, debate, brainstorming, reflexão, desenho
Fase da ação de ECG	Introdução aos processos de globalização e ao seu impacto nos Direitos Humanos
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a saber, aprender a ser

1 O facilitador mostra uma imagem que simboliza a globalização e pergunta aos participantes o que veem e qual a sua opinião a esse respeito. De seguida, o facilitador pede aos participantes que proponham uma definição de globalização ou que expressem o que a globalização significa para eles. Posteriormente, as seguintes definições de globalização são lidas por dois voluntários:

“O termo “globalização” é utilizado para descrever uma variedade de alterações económicas, culturais, sociais e políticas que modelou o mundo nos últimos 50

anos, desde a muito celebrada revolução nas tecnologias de informação, à redução das fronteiras nacionais e geopolíticas, num movimento transnacional imparável de bens, serviços e capital. A homogeneização crescente dos gostos dos consumidores, a consolidação e a expansão do poder empresarial, os aumentos vertiginosos quer na riqueza, quer na pobreza, a “McDonaldização” da comida e da cultura e a crescente ubiquidade das ideias democráticas liberais, todos, de uma forma ou de outra, devem-se à globalização.”
(Shalmali Guttal)

¹ A ideia e lista de oito Direitos Humanos selecionados para este exercício foram extraídas de Brander, Patricia (et. al.): Compass - Manual for human rights education with young people. Strasbourg: Council of Europe (2012). www.coe.int/t/dg4/eycb/Source/Compass_2012_FINAL.pdf

² ibid., p. 515

³ ibid., p. 511

“A globalização pode ser descrita como a integração económica mais próxima do que nunca de todos os países do mundo, resultante da liberalização e do consequente aumento no volume e na variedade do comércio internacional de bens e serviços, da redução do custo dos transportes, da crescente intensidade da penetração internacional do capital, do acentuado crescimento na mão de obra global e da difusão acelerada a nível mundial da tecnologia, em particular, das comunicações.”

(Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa)³

Com base nas definições anteriores, o facilitador dá a sua opinião sobre o tópico (aspectos negativos e positivos).

2 (60 min): Exercício sobre os direitos humanos

- a) A cada participante, é fornecida uma folha de papel e solicitado que desenhe a sua silhueta e a recorte (se a folha for suficientemente grande, também pode deitar-se nela e pedir a alguém que o desenhe). Em seguida, os participantes devem desenhar linhas que dividam os desenhos em seis partes, tal como um puzzle.
- b) Em conjunto, todos os participantes compilam uma lista de itens (necessidades básicas) que são importantes para eles, como por ex., comida, amigos, abrigo, educação, um rendimento estável, boa saúde, ambiente limpo, uma boa família, ter ideais, liberdade de expressão, possibilidade de viajar, paz, não ser discriminado, etc., até terem uma lista de aprox. 25-32 itens.

- c) Cada participante escolhe as seis palavras da lista que considere mais importantes para si no momento. Destas, escreve uma em cada uma das peças do puzzle do seu desenho.
- d) Os desenhos são recortados nas seis peças de puzzle.
- e) Um voluntário mostra o seu puzzle e apresenta-o ao grupo, explicando porque escolheu aquelas seis palavras. Deixe o voluntário designar as palavras selecionadas uma a uma e peça ao resto do grupo para quando for designada uma palavra que eles também tenham escolhido, retirar essa peça e colocá-la em frente a eles.
- f) Após o voluntário ter terminado, o grupo determina se alguém selecionou exatamente as mesmas palavras, ou tem algumas palavras em comum.
- g) Peça a outro voluntário para partilhar a sua seleção de palavras com o grupo (de preferência, alguém que não tenha nenhuma, ou apenas uma ou duas palavras em comum com o primeiro voluntário) e repita o passo f.
- h) Debata com o grupo por que motivo as pessoas se apercebem das suas necessidades de forma diferente. Pergunte-lhes se veem necessidades/ direitos (novos ou extraídos da lista já efetuada) que sejam absolutamente fundamentais para cada ser humano. Compile uma lista com todos os itens e compare-os aos excertos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

- 3 É pedido aos participantes que façam corresponder as fotos com os direitos (preparados na folha do *flipchart*) e que comentem cada ligação de acordo com as suas próprias experiências locais/internacionais. O formador pode concluir com uma apresentação (PPT): A globalização propriamente dita não viola os Direitos Humanos mas, em certos casos, produz efeitos negativos que reforçam a violação dos direitos humanos. Alguns dos Direitos Humanos que se encontram em risco à face da globalização são os seguintes:
- » Os direitos à igualdade, à dignidade e à não discriminação
 - » Os direitos à saúde, à alimentação e ao abrigo
 - » O direito a trabalhar
 - » O direito à vida
 - » O direito a possuir uma propriedade
 - » O direito à saúde e a um ambiente saudável
 - » O direito de proteção contra formas de trabalho prejudiciais e de exploração
 - » Os direitos dos povos indígenas à sua cultura e ao desenvolvimento

Questões para reflexão no passo b)

- » Muitas das suas necessidades coincidem com as de outras pessoas?
- » Compreendeu por que motivo outras pessoas escolheram outros aspetos que eram mais importantes para elas?
- » Como escolheu as suas necessidades?
- » Pensa que a sua lista é diferente da lista que teria realizado há cinco anos ou de uma lista que possa eventualmente realizar no futuro?
- » Existem necessidades/direitos que devem ser respeitados em todas as pessoas sem exceção? Qual a razão para isso, já que nos apercebemos das nossas necessidades de forma diferente?
- » Existe alguma ligação entre a globalização e as suas necessidades? Se sim, qual?

➔ Também pode modificar este exercício (Passo c) atribuindo cartões de personagens às pessoas, por ex., 'uma avó de 90 anos', 'um refugiado à procura de asilo', 'um rapaz numa cadeira de rodas', 'um homem de negócios', 'um estudante com baixo rendimento', 'uma rapariga sem abrigo', 'um jogador de futebol profissional', 'uma criança criada num orfanato indiano', 'um agricultor venezuelano', etc.

De seguida, peça ao participante que se identifique com a pessoa constante no cartão da personagem e que mencione quais seriam os direitos mais importantes para ela.

(ver o capítulo 3.1, p. 33)

8 - DIÁRIO DE APRENDIZAGEM

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir nos processos de aprendizagem • Analisar e comentar os elementos do módulo/curso individual/etc. • Obter uma noção da perspetiva individual do participante relativa ao curso
Equipamento	Diário de aprendizagem (em papel ou como um documento digital) incluindo um conjunto de questões relativas ao evento educativo
Técnicas	Escrita individual
Fase da ação de ECG	Monitorização, avaliação
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a ser

1 É fornecido aos participantes um conjunto de questões para reflexão após cada módulo do curso de formação, que podem ser semelhantes para cada módulo (por ex. O que aprendeu para si próprio? O que aprendeu com o grupo? Existem algumas questões que permanecem em aberto ou por esclarecer?) ou modificáveis para partes específicas do curso, e é pedido que completem os seus diários nos dez dias seguintes, aproximadamente.

2 Os diários de aprendizagem completos são individualmente comentados por um membro da equipa de formadores antes do início do módulo do curso seguinte.

➔ Não existe certo e errado, porque um diário de aprendizagem é a reflexão pessoal do participante sobre aspetos da formação, de desenvolvimento pessoal, etc.

Vale a pena incentivar os participantes a ultrapassarem eventuais resistências internas e a aceitarem o desafio de se envolverem na reflexão, uma vez que o diário de aprendizagem é uma poderosa ferramenta no contexto da aprendizagem sustentável na medida em que lhe permite "manter-se sintonizado" com os participantes e obter informações detalhadas que pode depois incorporar no seu planeamento contínuo do curso.

(ver o capítulo 3.4, p. 51)

9 - EXERCÍCIO DO ESPELHO: FACILITADOR DA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver competências (conhecimento, aptidões e atitudes) enquanto facilitador de Educação para a Cidadania Global
Duração	90 minutos
Equipamento	<p><i>Flipchart</i>, folhas, marcadores, um rolo de película de alumínio, x folhas A3 de papel colorido ou x folhas A4 duplas de papel colorido coladas para fazer uma folha A3, x espelhos pequenos (opcional), x conjuntos de “cartões de características” (quadrados de papel que representam 30 características diferentes – (ver em baixo), marcadores, canetas, cola de papel, tesoura, materiais para o espaço de apresentação (qualquer um dos seguintes itens: um rolo de fita adesiva, dois quadros de cortiça e x pioneses, dois quadros magnéticos e x ímanes)</p>
Preparação	Reserve um espaço especial na sala de formação para criar uma “galeria de arte” (que deve estar visível e acessível a todos os participantes para introdução subsequente). Também necessitará de um pavimento limpo (de preferência, alcatifado) ou de algumas mesas à volta da sala, onde os participantes possam criar os seus “espelhos”.
Técnicas	Debate, reflexão, atuação criativa, apresentação
Fase da ação de ECG	Reflexão
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a ser, aprender a fazer

1 A sessão começa com um debate proposto e orientado pelo formador, proporcionando aos participantes uma margem para a reflexão baseada nas questões a seguir. Ouvindo música relaxante, os participantes são convidados a refletir nos seus motivos internos enquanto se observam ao espelho. Se a sala permitir, os participantes podem sentar-se no chão numa posição confortável. Opcionalmente, pode ser oferecido aos participantes um pequeno espelho.

Caso contrário, recomenda-se que os participantes fechem os olhos e olhem para um espelho imaginário. De seguida, o formador faz perguntas, dando-lhes alguns segundos para pensarem por cada pergunta.

- Como sou enquanto facilitador de Educação para a Cidadania Global?
- Porque quero envolver-me na/dedicar-me à Educação para a Cidadania Global?
- O que me motiva para ser ou querer tornar-me num facilitador de ECG?

- Quais são os meus interesses em trabalhar como facilitador de ECG?
- Qual é a minha atitude relativamente aos meus destinatários (jovens, crianças, adultos, organizações, etc.)?
- Quais das minhas experiências anteriores me podem ajudar no meu trabalho atual ou futuro enquanto facilitador de ECG?
- Quais são as minhas competências (conhecimento, aptidões, atitudes/ valores) quando trabalho na qualidade de facilitador de ECG?
- Quais são as minhas limitações ao trabalhar na ECG?
- Que recursos tenho disponíveis e quais ainda tenho de melhorar enquanto facilitador de ECG?

2 O facilitador mostra um modelo de “espelho de facilitador de Educação para a Cidadania Global” previamente preparado numa folha do *flipchart*. De seguida, cada participante escolhe materiais do stock e cria o seu próprio espelho. O primeiro passo é colar uma película de alumínio numa folha de papel A3 para criar a semelhança de um espelho. Depois, é pedido aos participantes que desenhem o seu rosto na folha como uma metáfora do seu próprio reflexo no espelho. De seguida, têm de dispor “cartões de características”

à volta da folha de alumínio, do seguinte modo: três cartões à esquerda, representando o que eles pensam que lhes é exigido enquanto facilitadores de ECG em relação ao grupo-alvo com que estão a trabalhar; 3 cartões à direita, descrevendo como se veem enquanto facilitadores de ECG e os aspetos em que já são bons; e, abaixo do espelho, 3 cartões que representam aptidões e características que têm de melhorar enquanto facilitadores de ECGs. No canto inferior direito, é-lhes pedido que escrevam as limitações/barreiras com que se podem deparar no seu trabalho; e, no canto inferior esquerdo, os papéis principais que têm ou terão no seu trabalho (ver “cartões de características para este exercício, p.77).

3 O formador facilita a reflexão do grupo fazendo perguntas sobre todo o processo (por ex. como se sentiu ao refletir sobre si?/como foi para si trabalhar individualmente, fazendo, ao mesmo tempo, parte de um grupo?,...). Posto isto, alguns participantes são convidados a contar a sua história do espelho. O formador incentiva os participantes a levarem os seus “espelhos” para casa e a repetirem o exercício vários meses após estarem a trabalhar nas suas organizações, para poderem comparar as suas experiências e ver as semelhanças e diferenças entre o seu “espelho” anterior e posterior.

4 Os espelhos são colocados na parede/janela e é concedido tempo aos participantes para visitarem a sua “galeria”. Os espelhos permanecem no lugar durante todo o módulo. Dependendo do nível de interação, pode ser permitido aos participantes adicionar novos cartões e mensagens de texto aos espelhos dos colegas durante o restante módulo, o que os motivará a comunicarem e a trabalharem mais em conjunto e permitirá que compreendam que fazem parte de uma comunidade que se apoia e que pode fornecer um *feedback* positivo à medida que eles se desenvolvem e melhoram as suas aptidões enquanto facilitadores de ECG.

- Peça aos participantes que criem os seus próprios cartões de competências (desenhos e/ou textos escritos).
- Dependendo do tempo disponível e do estilo de trabalho dos participantes, os cartões de competências podem ser previamente cortados e colocados numa pilha grande para os participantes os poderem pesquisar; o formador também pode preparar um conjunto de cartões, deixando a cada participante a tarefa de cortar todos os cartões que lhes correspondam. Uma vez que este pode ser um processo muito pessoal, o formador não deve insistir, caso os participantes não se sintam confortáveis em partilhar com o grupo.

(ver o capítulo 3.4, p. 50)



Exercício do espelho: facilitador de Educação para a Cidadania Global – cartões de características:

corajoso	informado
brincalhão	amigável
tem muitas ideias	interrompe os outros
simpático	faz comentários despropositados
bom a organizar os outros	procura trabalhos que têm de ser feitos
bom em coisas práticas	diz o que lhe vai na mente
preocupa-se com os outros	dá a impressão de ter todas as respostas
fica rapidamente impaciente	ignorante
guarda as ideias para si	deixa o trabalho para os outros fazerem
dá sugestões úteis	ouve atentamente os outros
bem organizado	apoia as sugestões ou as ideias dos outros
tem ideias criativas	fala muito
bom a cumprir prazos	trabalha bem em equipa
de confiança	calmo
enérgico	supera os medos
...	...

10 - O AUTOCARRO

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender os princípios e fases da criação de uma equipa Explorar a relevância do trabalho de equipa para os facilitadores de Educação para a Cidadania Global
Duração	45-60 minutos
Local	Dentro ou fora da sala da formação, num local que possa servir de pista de caminhada: escadas, átrio, restaurante, etc., dependendo das instalações disponíveis
Equipamento	Cadeiras, um lenço para cada participante
Preparação	Crie uma pista de caminhada com vários obstáculos (cadeiras, escadas, portas, pilares, etc.)
Técnicas	Debate, dramatização, Aprendizagem Cooperativa, reflexão, desenho
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a ser, Aprender a viver em conjunto

1 Os participantes são divididos em duas equipas. Em cada equipa, um voluntário age como o “condutor do autocarro”. Os restantes passageiros, de olhos vendados com lenços e dispostos numa fila, são guiados pelo condutor que se senta no fim da fila para “conduzir o autocarro”, dando sinais pela parte de trás.

O facilitador fornece instruções ao condutor do autocarro sobre os sinais que ele tem de utilizar enquanto conduz o autocarro:

- acelerar = palmada das costas
- travar = puxar ambos os ombros
- virar à esquerda = palmada no ombro esquerdo
- virar à direita = palmada no ombro direito

Cada condutor do autocarro dispõe de 30 segundos para explicar as regras de condução aos seus “passageiros”, que, em seguida, têm de aprender a “mover-se como um autocarro”, respondendo aos sinais fornecidos pelo condutor do autocarro, passando-os aos colegas, à medida em que vai seguindo as instruções do facilitador ao longo do caminho de obstáculos.

2 No fim da viagem de autocarro, o grupo reflete acerca da sua experiência, se se sentiram seguros ou expostos ao perigo, acerca de conduzirem ou serem conduzidos, trabalho de equipa, comunicação, liderança, coordenação. As perguntas seguintes podem servir de estímulo à reflexão (de acordo com o Ciclo de Aprendizagem Experiencial de Kolb)

- O que aconteceu?
- Como se sentiu?
- O que aprendeu com esta experiência?
- Como pensa que o que aprendeu pode ser utilizado no seu trabalho como facilitador da Educação para a Cidadania Global?

Durante esta fase de reflexão, o formador anota, resume e agrupa as respostas dos participantes num *flipchart*. No fim, são tiradas conclusões relativamente aos papéis e responsabilidades no seio de uma equipa.

- ➔ Dependendo das experiências e preferências dos participantes, este exercício pode ser realizado sem o uso de lenços. Se houver mais tempo, o exercício pode ser repetido após a atribuição de funções secretas a certos participantes (ex. violar as regras de condução, abrandar, virar na direção errada, etc.), de modo a trazer a dinâmica do grupo para a ação.
- ➔ Este exercício pode ser usado para refletir sobre o processo relativo às fases de desenvolvimento de um grupo/uma equipa (por ex. utilizando o método “formação, confrontação, normatização, atuação, transformação” de Tuckman¹).
- ➔ É importante assegurar a segurança e a proteção física e emocional dos participantes durante este exercício. Para este efeito, pode ser aconselhável ter outro cofacilitador presente para auxiliar durante todo o processo.

(ver o capítulo 3.4, p. 50)

11 - O COMBOIO EUROPEU²

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Refletir (criticamente) sobre os estereótipos e preconceitos Consciencializar para competências de gestão da diversidade, fomentando-as
Duração	90 minutos
Equipamento	<i>Flipchart</i> , folhas, marcadores
Técnicas	Debate, escrita, apresentação
Fase da ação de ECG	Introdução dos tópicos: respeito pela diversidade, promoção da coesão social, igualdade de oportunidades, reflexão, avaliação
Principal(is) área(s) de competência	Aprender a viver em conjunto, aprender a ser

1 O facilitador apresenta a história de fundo para o exercício (ver em baixo) e explica que cada participante deve escolher individualmente na lista as três pessoas com quem mais gostaria de viajar e as três pessoas com quem menos

¹ Para mais informações, ver, por ex. www.simplypsychology.org/learning-kolb.html

² Para mais informações, ver, por exemplo www.businessballs.com/tuckmanformingstormingnormingperforming.html

² Atividade adaptada de: Directorate of Youth and Sport, Council of Europe: all different - all equal. (2004). p. 78 e segs. www.eycb.coe.int/edupack/pdf/31.pdf

gostaria de viajar. Os participantes são divididos em pequenos grupos e cada grupo tenta chegar a acordo quanto a uma lista com os três passageiros mais desejados e os três menos desejados, debatendo as razões das suas preferências pessoais.

2 Cada grupo apresenta as suas conclusões juntamente com as razões para as opções escolhidas, mencionando pontos em que a discórdia entre elementos do grupo se revelou particularmente forte.

3 O facilitador estimula um debate acerca do conceito de diversidade, dos elementos e características da diversidade, dos obstáculos à busca pela igualdade e à valorização da diversidade e os passos a realizar para as alcançar.

→ Se possível, cada pequeno grupo deve ter um facilitador para orientar o debate quando necessário e apoiar o grupo a elaborar a sua lista.

→ O facilitador pode permitir uma reflexão crítica na utilização deliberada de estereótipos neste exercício. O exercício também pode ser adaptado aos contextos socioculturais específicos dos formandos.

→ Este método destina-se a confrontar-nos com estereótipos e preconceitos que temos na vida real. Pode ser bastante polarizante e emotivo, pelo que os facilitadores devem estar preparados para lidar com situações críticas no processo do grupo.

(ver o capítulo 3.5, p. 57)

A história de fundo

Imagine que se encontra a bordo do comboio “Expresso do Vale Querido” para uma viagem de uma semana na via Lisboa – Moscovo. Está a viajar numa cabine com cama que deve partilhar com outras 3 pessoas. Indique com quais dos seguintes passageiros preferia partilhar a cabine:

1. Um soldado sérvio da Bósnia
2. Um corretor suíço obeso
3. Um DJ que parece ter muito dinheiro
4. Um jovem artista seropositivo
5. Um cigano húngaro que acabou de ser libertado da prisão
6. Um nacionalista basco que viaja frequentemente para a Rússia
7. Um acordeonista cego da Áustria
8. Um estudante ucraniano que não quer regressar a casa
9. Uma mulher romena de 40 anos que não tem visto e transporta uma criança de um ano ao colo
10. Um alemão impulsivo e misógino
11. Um sueco tempestuoso aparentemente alcoolizado
12. Um lutador profissional de Belfast que vai para um jogo de futebol
13. Uma prostituta polaca de Berlim
14. Um agricultor francês que só fala francês e transporta um cesto cheio de queijo
15. Um refugiado curdo que vive na Alemanha e está a caminho da Líbia

12 - PENSAR-FORMAR PARES-PARTILHAR: UMA TÉCNICA DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar (os primeiros) conceitos/noções sobre um conteúdo específico • Estimular a reflexão (crítica)
Duração	10-30 minutos
Técnicas	Conversação, escrita (quando necessário)
Principal(is) área(s) de competência	Todas as áreas de competência de acordo com o tópico do exercício

1 **Pensar** – O facilitador começa por fazer uma pergunta específica/apresentar um problema ou situação específico. Os participantes “pensam” individualmente acerca do que sabem ou aprenderam sobre o tópico ou acerca do que associam ao mesmo.

2 **Formar pares** – Os participantes formam pares ou grupos pequenos.

3 **Partilhar** – Os participantes partilham as suas ideias com o(s) parceiro(s). O facilitador inicia um debate com todo o grupo sobre o que foi partilhado.

→ Os participantes podem anotar palavras-chave para resumir e estruturar as suas ideias. Estas notas podem ser apresentadas e agrupadas durante o debate com todo o grupo como base para a estruturação e o desenvolvimento posterior de ideias.

→ Pensar-Formar Pares-Partilhar é uma estratégia de Aprendizagem Cooperativa e pode ser utilizada e adaptada para uma variedade de diferentes contextos de grupos.

(ver o capítulo 3.5, p. 56)

Anexo A:

ANA – Exemplos de como realizar uma Análise das Necessidades de Aprendizagem

Questionário

Seguem-se sugestões de perguntas que pode fazer para determinar as necessidades e as expectativas de aprendizagem dos seus participantes da formação.

- » Por favor, descreva sucintamente o seu contexto pessoal e o profissional (informações biográficas, contexto organizacional, etc.).
- » Por favor, indique valores que considera importantes.
- » Por favor, descreva sucintamente a sua motivação para se tornar ativo na/se interessar pela Educação para a Cidadania Global.
- » Por favor, escreva seis palavras que associe à ECG.
- » Por favor, indique se, na sua opinião, algum dos seguintes temas tem uma dimensão global, dando um exemplo concreto: bullying, exclusão social, participação juvenil, emprego, igualdade de género, etc.
- » Na sua opinião, quais são os princípios e valores subjacentes da ECG?
- » Quais são as suas principais necessidades de aprendizagem relativamente à ECG?
- » O que espera ter aprendido após terminar este curso?
- » Por favor, indique a sua experiência (prática) no contexto da Educação para a Cidadania Global/Educação para o Desenvolvimento/Educação para o Desenvolvimento Sustentável/Educação Global, etc.
- » Por favor, indique qualquer outra experiência (profissional e prática) que tenha e que possa ser relevante no contexto deste curso (por ex., campanhas, angariação de fundos, gestão de ações, escrita/desenvolvimento de recursos educativos, etc.).
- » Em que tópicos/questões já trabalhou?
- » Já orientou ações de ECG?
- » Se sim, aproximadamente quantas ações de ECG já orientou até à data?
- » Que tipo de ações já orientou (ex., *workshops*, aulas, programas de férias, cursos de formação, etc.)?
- » Nas suas ações pedagógicas, aborda a dimensão global dos problemas/das questões locais?
- » Que métodos utiliza na sua prática pedagógica?

- » Em que tipo de formação (se aplicável) participou relativamente à Educação para a Cidadania Global ou a áreas relacionadas?
- » Quanto à sua especialidade, consegue imaginar-se a contribuir para o curso, por ex., fornecendo algumas noções básicas de um tópico específico ou utilizando um outro método? Se sim, de que forma?
- » Por favor, indique os seus estilos, métodos e ambientes de aprendizagem preferenciais (por ex., métodos participativos, trabalho de grupo, apresentações, debate em grupo, aprendizagem no exterior, etc.).
- » Por favor, indique as suas expectativas, os seus pedidos e as suas sugestões relativos ao curso de formação.

No fim do curso, podem ser feitas aos participantes as mesmas perguntas que na ANA para efeitos de avaliação.

ANA – Exercício: Expectativa, contributos, receios

Esta atividade pode ser executada no início de um curso de formação.

A cada participante, são fornecidos *post-it* de 3 cores diferentes e é pedido que identifique as expectativas num *post-it* (ex. verde), os receios no segundo (ex. amarelo) e os contributos que pensa poder dar à formação no terceiro (ex. azul). Os *post-its* são recolhidos em três locais diferentes (*quadros/flipcharts*) dispostos à volta da sala e os participantes podem circular por eles e observá-los. De seguida, todo o grupo observa os *post-its* em conjunto, tentando atribuir-lhes prioridades e identificar os aspetos designados mais importantes.

Os resultados obtidos durante esta atividade podem ser mantidos e revistos no fim do curso para efeitos de avaliação.

Anexo B: Matrizes para o planeamento de uma ação de ECG

Matriz 1¹

OBJETIVO GERAL, EX.: O objetivo deve focar-se nas competências que pretende que os participantes tenham desenvolvido no fim do curso. O objetivo geral pode ser depois subdividido por objetivos específicos incluídos na matriz que se segue.

Destinatários:

Número de participantes:

Duração:

Informações preliminares: Acordos sobre tópicos e objetivos (ex., com os organizadores ou parceiros); informações sobre antecedentes socioculturais, conhecimento, experiências e interesses do grupo de aprendizagem quanto ao tópico central; condições de enquadramento relativas à orientação em termos de espaço/instalações/condições técnicas; orientações/plano de localização; etc.

Não se esqueça de incluir energisers, intervalos e tempo para *feedback*/avaliação.

FASE Conteúdo geral sugerido	OBSERVAÇÕES, SUGESTÕES E NOTAS ÚTEIS	DURAÇÃO	CONTEÚDO (específico)	ATIVIDADE/ TÉCNICA/ MÉTODO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MATERIAIS NECESSÁRIOS
Boas-vindas, introdução pessoal, apresentação da duração prevista e sequências das atividades	» Planeamento atempado antes da ação para que se crie um ambiente de aprendizagem estimulante e agradável.					
Conhecimento mútuo, estímulo do grupo	» Toda a sua pesquisa preliminar acerca dos participantes é útil para o planeamento da ação, mas, caso necessite de saber mais acerca dos contextos, das necessidades e das expectativas, esta é a altura adequada para integrar uma atividade de forma a adquirir mais informações (e a ajustar o seu planeamento em consonância, se possível).					
Introdução do tópico: Aquisição, análise e processamento de conhecimentos	» Aplica-se o mesmo da nota anterior, com foco no conhecimento e nos interesses dos participantes acerca do tópico.					
Desenvolvimento e avaliação do tópico: síntese, avaliação, formação de opiniões	» Proporcione espaço para explorar o tópico e os seus diferentes aspetos e perspetivas; utilize métodos de aprendizagem participativos para permitir que os participantes associem estes aspetos aos seus interesses e à vida diária; empregue métodos que permitam aos participantes descobrirem as suas posições pessoais de acordo com os seus juízos de valor relativamente a estes aspetos; incentive também a comunicação acerca dessas posições em grupos e em sessões plenárias.					
Desenvolvimento de opções para tomada de ações	» Se aplicável, mostre e explore possibilidades de tomada de ações no contexto do desenvolvimento sustentável relativamente ao tópico em análise; estimule a reflexão crítica acerca das ações possíveis; disponha de espaço para opiniões diferentes acerca deste tema; evite colocar os participantes sob pressão moral.					
Feedback	<p>Pontos básicos de interesse para o <i>feedback</i> poderiam ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que foi uma novidade para os participantes? • O que os afetou mais? • Qual o tema sobre o qual gostariam de saber mais? • O que os inspirou para tomarem uma ação? • Até que ponto gostaram dos métodos utilizados e, caso tivessem preferido métodos diferentes, o que sugerem? • ... <p>Dependendo do tempo disponível, também podem ser realizadas sessões de <i>feedback</i> em fases anteriores da ação.</p>					

¹ Conforme utilizada para os cursos de formação na Alemanha

Matriz 2¹

Objetivo global

- » Qual é a sua visão do futuro?
- » Quais são os objetivos de longo prazo para os quais o seu projeto irá contribuir? (Não se espera que o projeto atinja estes objetivos durante o seu tempo de vida).

Objetivos específicos

- » Quais são as alterações positivas que o projeto pretende introduzir nas vidas dos destinatários?

Estes devem ser alcançáveis e mensuráveis no fim da ação. Escolha apenas um ou dois objetivos específicos.

Resultados

- » Quais são as alterações tangíveis nos grupos-alvo produzidas pelas atividades?

Estas têm de ser mensuráveis (ex. dez líderes juvenis capacitados em Educação para a Cidadania Global, uma campanha de comunicação ECG criada, etc.)

Atividades

- » O que é necessário fazer para produzir cada um dos resultados? (ex. preparar, implementar e avaliar uma formação de dez horas para técnicos juvenis sobre ECG, etc.)

Métodos

- » Que métodos vai utilizar para criar uma experiência de aprendizagem sustentável para os seus participantes (ex. dramatização, debate, etc.)?

Destinatários

- » Quem beneficia do projeto? (ex. 20 jovens de 10 organizações juvenis de Lisboa)

Localização

- » Onde vai ter lugar o projeto?

¹ Versão adaptada da que foi utilizada no curso de formação em Portugal.

Leitura adicional¹

Segue-se uma seleção de publicações em inglês que recomendamos para aprofundar o conhecimento acerca das questões abordadas neste manual:

- » Allum, Liz; Lowe, Barbara; Robinson, Louise: How do we know it's working? A toolkit for measuring attitudinal change. London: RISC (2008).
📄 www.mvro.sk/sk/e-kniznica/category/2-publikacie?download=1355:how-do-we-know-it-s-working,book-two (2015). toolkit.risc.org.uk/
- » Andreotti, Vanessa: Actionable postcolonial theory in education. Berlin, Heidelberg: Springer (2011).
- » Andreotti, Vanessa; De Souza, Lynn Mario T. M (eds.): Postcolonial perspectives on Global Citizenship Education. New York: Routledge (2012).
- » Bourn, Douglas: What is Meant by Development Education? (2014).
📄 www.sinergiased.org/index.php/revista/item/51-douglas-bourn-what-is-meant-by-development-education
- » Bourn, Douglas: The Theory and Practice of Development Education: A Pedagogy for Global Social Justice. New York: Routledge (2014).
- » Bourn, Douglas: Global Citizenship & Youth Participation in Europe. London: University College London (2016).
📄 www.sfyouth.eu/index.php/en/mm-about-en/reports/needanalysis
- » Brander, Patricia (et. al.): Compass - Manual for human rights education with young people. Strasbourg: Council of Europe (2012).
📄 www.coe.int/t/dg4/eycb/Source/Compass_2012_FINAL.pdf
- » British Council (ed.): Active Citizens Facilitator's Toolkit (2011).
📄 www.britishcouncil.org/sites/default/files/active-citizens-global-toolkit-2014-2015.pdf
- » Cenker, Michal (et al.): Development Education in Theory and Practice – An educator's resource (2016).
📄 unidev.info/UNIDEV/UNIDEV-Material/Learning-Material/UNIDEV-Book
- » CSSGJ (Centro para o Estudo da Justiça Social e Global): Metodologia Open Spaces for Dialogue and Enquiry (OSDE).
📄 www.osdemethodology.org.uk/
- » “Despertar para a Educação Global” (FGL): Global What? Estudo sobre Factos e Necessidades da Educação para a Cidadania Global na Alemanha, Portugal e Roménia (2013).
📄 www.aidglobal.org/userfiles/Study_Portuguese_FINAL.pdf
📄 www.imvf.org/ficheiros/file/estudo_global_what_final.pdf

- » Freire, Paulo: Pedagogia do Oprimido. Harmondsworth: Penguin (1972).
- » OE Press (ed.): International Journal of Development Education and Global Learning.
📄 www.ucl-ioe-press.com/journals/international-journal-of-development-education-and-global-learning/#sthash.VvuMlobU.dpuf
- » Mesa, Manuela: Evolution and future challenges of development education. The International Journal for Global and Development Education Research, No. 0 (2011).
📄 educacionglobalresearch.net/wp-content/uploads/08-Manuela-Mesa-Ing%C3%A9s.pdf
- » Centro Sul-Norte do Conselho da Europa (ed.): Global Education Guidelines. A handbook for educators to understand and implement Global Education. Lisbon (2012).
📄 www.coe.int/t/dg4/nscentre/GE/GE/GE-Guidelines/GEguidelines-web.pdf
- » Tawil, Sobhi: Education for ‘Global Citizenship’: A framework for discussion. ERF Working Papers, Series No. 7. Paris: UNESCO Education Research and Foresight (2013).
📄 www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/ED/pdf/PaperN7EducforGlobalCitizenship.pdf
- » Taylor, Edward, W.: The Theory and Practice of Transformative Learning: A Critical Review. Columbus, Ohio: ERIC Clearinghouse on Adult, Career, and Vocational Education, Center on Education and Training for Employment, College of Education, the Ohio State University (1998).
📄 www.calpro-online.org/eric/docs/taylor/taylor_02.pdf
- » UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura): Global Citizenship Education: Preparing learners for the challenges of the twenty-first century (2014).
📄 unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227729E.pdf
- » UNECE (Comissão das Nações Unidas para a Europa) (ed.): Learning for the Future. Competences in Education for Sustainable Development (2012).
📄 www.unece.org/fileadmin/DAM/env/esd/ESD_Publications/Competences_Publication.pdf
- » UNESCO (ed.): Global Action Programme on ESD (2014).
📄 www.unesco.org/new/en/unesco-world-conference-on-esd-2014/esd-after-2014/global-action-programme
- » UNESCO: Global Citizenship Education: Topics and learning Objectives. Paris (2015).
📄 unesdoc.unesco.org/images/0023/002329/232993e.pdf
- » Assembleia Geral das Nações Unidas (ed.): Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development (2015).
📄 sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld

¹ O acesso a todos os *websites* mencionados foi realizado pela última vez em março de 2016

Descrições das organizações parceiras do Projeto “Despertar para a Educação Global”

Agenda 21 - Asociația de Asistență și Programe pentru Dezvoltare Durabilă

🌐 www.agenda21.org.ro

A “Assistance and Programs for Sustainable Development – Agenda 21” é uma associação não governamental romena de interesse nacional, sem fins lucrativos e sem afiliação política ou religiosa. A associação foi criada em maio de 2003.

O objetivo fundamental da APSD – Agenda 21 é apoiar as políticas e os esforços romenos para a promoção e a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na Romênia.

Objetivos principais:

- Desenvolver parcerias com as autoridades locais com vista a valorizar as iniciativas locais e a aumentar a eficácia do governo local;
- Promover atividades educativas no campo dos Direitos Humanos, da Educação para a Cidadania Global/Educação para o Desenvolvimento, do ambiente, com ênfase na formação cívica e na cidadania democrática.
- Reforçar o papel dos intervenientes sociais com grande potencial para orientarem o desenvolvimento sustentável: crianças e jovens, comunidades locais, setor privado, comunidade empresarial, comunidade científica, meios de comunicação;
- Prestar assistência e apoio a grupos marginalizados ou grupos em risco de exclusão social.

O conceito-chave da APSD – Agenda 21 é o Desenvolvimento Sustentável. Um futuro seguro e próspero não pode ser pensado fora do conceito de desenvolvimento sustentável.

Os grupos-alvo são crianças e jovens, professores, autoridades educativas, funcionários públicos, jornalistas e grupos marginalizados. O voluntariado da comunidade é um dos valores fundamentais da associação.

AIDGLOBAL - Acção e Integração para o Desenvolvimento Global

🌐 www.aidglobal.org

A “AIDGLOBAL - Acção e Integração para o Desenvolvimento Global” é uma organização não governamental portuguesa que trabalha para um mundo mais justo e sustentável, através da sensibilização e da educação. Em Portugal, a AIDGLOBAL promove a Educação

para a Cidadania Global (ECG) através de projetos em escolas, de cursos de formação para professores e de recursos pedagógicos para educadores. Também intervém no setor da educação não formal, capacitando profissionais e voluntários de organizações da sociedade civil para as questões relacionadas com a ECG. Em Moçambique, tem contribuído para uma educação de qualidade através da promoção da leitura e da literacia digital e da implementação de uma Rede de Bibliotecas Escolares no distrito de Chibuto.

DEAB - Dachverband Entwicklungspolitik Baden-Württemberg

🌐 www.deab.de

A DEAB é a plataforma de ONGD e lojas do mundo, sediada no estado federal de Baden-Württemberg na Alemanha. Dispõe de uma rede alargada de cerca de 150 membros, incluindo lojas do mundo, grupos de ação local, instituições de ensino, redes locais, etc., que estão ativas no domínio da sensibilização pública e da Educação para a Cidadania Global.

As principais áreas de atuação da DEAB são o comércio justo, contratação pública sustentável, o desenvolvimento de parcerias, as políticas de desenvolvimento em Baden-Württemberg e a Educação para a Cidadania Global. A DEAB está envolvida na criação de redes, informação e formação dos seus membros e representa os seus interesses na política e na sociedade, dedicando-se a atividades educativas, à Educação para a Cidadania Global e a campanhas e atividades de lobby. Além disso, a DEAB publica o *Südzeit*, o jornal “One World” de Baden-Württemberg, e coordena o programa de promotores da iniciativa “One World” em Baden-Württemberg.

EPIZ – Entwicklungspädagogisches Informationszentrum Reutlingen

🌐 www.epiz.de

Com um historial que remonta aos anos 60, a EPIZ é hoje uma das mais antigas organizações não governamentais dedicadas à Educação para a Cidadania Global na Alemanha. Tendo começado com o objetivo de desenvolvimento de uma biblioteca especificamente dedicada aos recursos didáticos da Educação para a Cidadania Global, o seu âmbito de intervenção tem vindo a aumentar continuamente ao longo do tempo e atualmente inclui atividades educativas com uma grande variedade de grupos-alvo, bem como formações em Educação para a Cidadania Global, tanto no contexto formal, como não formal (entre outras atividades). Além disso, atua como órgão consultivo em questões de Educação para a Cidadania Global para instituições estatais, e também para organizações da sociedade civil. Para além de estar envolvida num vasto conjunto de projetos e programas, a EPIZ intervém em processos de tomada de decisões políticas e em debates de ECG da atualidade, permanecendo ativa em organizações, comissões e painéis regionais e nacionais.

Em virtude da sua longa experiência e do seu vasto leque de atividades, a EPIZ está ligada a muitos intervenientes no campo da ECG, tanto na Alemanha, como a nível internacional.

finep – forum for international development + planning

www.finep.org

O finep é um projeto sem fins lucrativos e uma organização consultiva que atua na área do desenvolvimento sustentável, com foco nos campos da política de desenvolvimento, da política ambiental e da promoção da democracia local. Desenvolve e implementa projetos em colaboração com organizações parceiras na Europa e no resto do mundo.

Para além das suas próprias atividades associadas a projetos, o finep presta assistência e serviços de consultoria às autoridades locais e a outras organizações sem fins lucrativos, ao nível das áreas de aquisição de financiamento de terceiros, consultadoria em processos, facilitação, realização de formações e também elaboração de estudos e conceitos educativos.

IMVF – Instituto Marquês de Valle Flôr

www.imvf.org

O IMVF é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) que acredita no esforço conjunto de milhões de pessoas em todo o mundo para a promoção do desenvolvimento sustentável.

O IMVF trabalha em todos os países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), tendo como prioridades a Cooperação para o Desenvolvimento e, a nível europeu, a Educação para a Cidadania Global, atuando também na Cooperação Descentralizada. Recebe igualmente pedidos ocasionais de prestação de ajuda humanitária em países onde tem operado.

Uma equipa dedicada que trabalha dentro e fora de Portugal desenvolve iniciativas em setores-chave, como a educação, a saúde e a segurança alimentar, focando o seu trabalho em parcerias com organizações, instituições e beneficiários de projetos. A sua missão é reforçar a ideia que serve de alicerce a todas as atividades do IMVF – nomeadamente, a de que o desenvolvimento sustentável das comunidades só pode ocorrer através da capacitação dos indivíduos.

Publicação

Autores

Ana Castanheira, Florina Diana Potirniche, Gabriele Radeke, Gundula Bükler, Julia Keller, Karola Hoffmann, Mihaela Amariei, Monica Cugler, Mónica Santos Silva, Nina Cugler, Sigrid Schell-Straub, Sofia Lopes, Susana Damasceno

Formadores do Curso em Portugal

Andreyana Caires e Nuno Carvalho

Editor

Gundula Bükler

Assistente de edição

Julienne Bank

Tradução para português

Teresa Correia

Revisão do texto em português

Ana Castanheira, Ana Santos, Mónica Santos Silva, Sofia Lopes, Susana Damasceno

Layout

mees + zacke, Reutlingen
www.mees-zacke.de

Porque defendemos a Igualdade de Género como um valor intrínseco aos Direitos Humanos, onde se lê “o(s)” deve ler-se “a(s)” sempre que aplicável, de forma a garantir o respeito pela Igualdade de Género também na escrita.

É permitido copiar, fazer *download* ou imprimir o conteúdo da presente publicação (no todo ou em parte), podendo ser incluídos excertos em documentos, apresentações, blogues, *websites* e materiais didáticos, desde que seja efetuada a referência à fonte.

Para mais informações, por favor, contacte

Alemanha: Gundula Bükler, gundula.bueker@epiz.de

Portugal: Ana Castanheira, info@imvf.org | Susana Damasceno, geral@aidglobal.org

Roménia: Nina Cugler, ninacugler@agenda21.org.ro

Para saber mais

www.global-how.de

Equipa do projeto “Despertar para a Educação Global”

Março de 2016



Esta publicação foi desenvolvida com o apoio financeiro da União Europeia e, na Alemanha, com o apoio do Ministério de Estado de Baden-Württemberg. O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade dos autores e não pode, em circunstância alguma, ser tomado como expressão das posições da União Europeia e/ou do Ministério de Estado de Baden-Württemberg.



Esta publicação foi desenvolvida com o apoio financeiro da União Europeia e, na Alemanha, com o apoio do Ministério de Estado de Baden-Württemberg. O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade dos autores e não pode, em circunstância alguma, ser tomado como expressão das posições da União Europeia e/ou do Ministério de Estado de Baden-Württemberg.

